



Universidade de Brasília - UnB

Instituto de Letras – IL

Departamento de línguas estrangeiras e tradução – LET

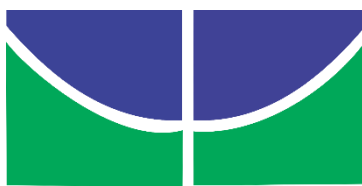
Programa de pós-graduação em estudos da tradução – POSTRAD

**ENTRE O PASSE E O IMPASSE:
A TRADUÇÃO EM PSICANÁLISE**

SÚLIVAN ANTÔNIO MAGALHÃES

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM
ESTUDOS DA TRADUÇÃO

Brasília – 2018



Universidade de Brasília - UnB

Instituto de Letras – IL

Departamento de línguas estrangeiras e tradução – LET

Programa de pós-graduação em estudos da tradução – POSTRAD

**ENTRE O PASSE E O IMPASSE:
A TRADUÇÃO EM PSICANÁLISE**

Súlvian Antônio Magalhães

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM
ESTUDOS DA TRADUÇÃO

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB

INSTITUTO DE LETRAS – IL

DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO – LET

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO –

POSTRAD

ENTRE O PASSE E O IMPASSE:

A TRADUÇÃO EM PSICANÁLISE

SÚLVAN ANTÔNIO MAGALHÃES

ORIENTADORA: ALICE MARIA DE ARAÚJO FERREIRA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO SUBMETIDA
AO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
ESTUDOS DA TRADUÇÃO, COMO PARTE DOS
REQUISITOS NECESSÁRIOS À OBTENÇÃO DO
GRAU DE MESTRE EM ESTUDOS DA
TRADUÇÃO.

BRASÍLIA/DF

JUNHO/2018

APROVADA POR:

Professora Doutora Alice Maria de Araújo Ferreira (POSTRAD/UnB)

(Orientadora)

Professora Doutora Alessandra Ramos de Oliveira Harden (POSTRAD/UnB)
(Examinadora interna)

Professora Doutora Alba Elena Escalante Alvarez (POSTRAD/UnB)

(Examinadora Externa)

Professor Doutor Eclair Antonio Almeida Filho (POSTRAD/UnB) (Suplente)

Brasília/DF – 25 de junho de 2018.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA E CATALOGAÇÃO

MAGALHÃES, Súlivan Antônio. Entre o passe e o impasse: A tradução em psicanálise. Brasília, Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, Universidade de Brasília, 2018, 82f. Dissertação de mestrado em Estudos da Tradução.

Documento formal, autorizando reprodução desta dissertação de mestrado para empréstimo, exclusivamente para fins acadêmicos, foi passado pelo autor à Universidade de Brasília e acha-se arquivado na Secretaria do Programa. O autor reserva para si os outros direitos autorais, de publicação. Nenhuma parte desta dissertação de mestrado pode ser reproduzida sem a autorização por escrito do autor. Citações são estimuladas, desde que citada a fonte.

MAGALHÃES, Súlivan Antônio. Entre o passe e o impasse: A tradução em psicanálise - Brasília, 2018, 82f. Dissertação de mestrado – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (POSTRAD) do Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução (LET) da Universidade de Brasília (UnB). Orientadora: Alice Maria de Araújo Ferreira. 1. Psicanálise. 2. Análise. 3. Passe. 4. Escrita do eu. 5. Experiência. I. Universidade de Brasília. II. Entre o passe e o impasse: A tradução em psicanálise.

FICHA CATALOGráfICA

RESUMO

A história do surgimento da psicanálise, da construção e apropriação de seus conceitos até sua irradiação pelo mundo a partir do século XX, se desenvolve paralelamente à própria história de Freud e dos grandes nomes que se firmaram como sustentáculos do *establishment* da teoria psicanalítica, os quais se debruçaram sobre grandes temas e áreas humanas como a religião, as artes e a linguagem. Analogamente, a história da tradução, ao se constituir a partir do próprio ato tradutório, milenar, caminha cada vez mais para intensos e acelerados processos de especialização, interdisciplinaridade e transmissão. Um encontro particular dessas duas áreas se dá na perspectiva analítica, pela o paciente experimenta através da fala, leitura e escrita dimensões linguísticas que o inserem num invólucro psíquico onde seu discurso revela não a causa do seu sintoma, mas o limite insuportável da linguagem que o fundou. Desta forma, a análise objetiva, apontar esses “buracos”, faltas, frustrações: uma satisfação não toda, impassível de ser representada num objeto real. Este objeto faltoso, atuando como motor e causa da própria estruturado desejo, isto é, do inconsciente propriamente dito, possibilita que o indivíduo consinta a estrutura de vazio imanente à condição de sujeito humano. Embora as relações entre o real e o imaginário não comportem uma explicação essencialmente linguística, o sujeito analisante pode, em um momento avançado de análise, relatar sua experiência clínica pessoal através do dispositivo de passe. Inventado por Jacques Lacan em 1967, trata-se de uma espécie de mecanismo “legitimador” da passagem da condição de analisante a analista, que culmina no paciente escrevendo um texto de cunho narrativo-autobiográfico que o “conduz institucionalmente” a seu novo status. Esses textos, comumente denominados pelo mesmo nome, *passes*, além de sinalizar essa “passagem”, além de serem fontes de estudo para analistas em formação, são também uma primorosa fonte linguística de *impasses* intrínsecos ao processo de análise. Um desses textos chegou até mim na ocasião em que a passante necessitava de uma versão em inglês de seu *passe*. O relato em questão é o mote central desse trabalho, no qual comento os *impasses* experimentados na escrita da versão em inglês, revelando características textuais e discursivas dos textos fonte e alvo, ao mesmo tempo em que discuto sobre os caminhos que percorre o analista em sua formação, bem como as noções de experiência de leitura e de experiência de tradução vivenciadas por mim entre o início e o fim daquele ato tradutório.

Palavras-chave: Psicanálise; Análise; Passe; Escrita do eu; Experiência.

ABSTRACT

The history of psychoanalysis, from its establishment to the propagation of its main concepts across the world, develops parallel to Freud's own history as one of the great figures that devoted great effort to themes such as religion, arts and language in the development of psychoanalytic theories. Similarly, the history of translation holds in its core the long-lasting translation act itself and successive, intense processes of specialization, interdisciplinarity and transmission. One of the fortuitous and particular intersection of these areas takes place in the analytical perspective, where the patient experiences the linguistic dimensions talking, reading and writing while their discourse is almost always entirely encapsulated by the unconscious psychic domain between the language and the symptom that arose out of it. Analysis concentrates primarily on pinpointing the vacuum of meaning that cannot be represented in a real object, neither explained nor filled, and that is intrinsic to human subjectivity. It is such emptiness, the object cause of desire, that rules the unconscious. In spite of the relations between the symbolic-real-imaginary triad being barely linguistically tangible, the analysand ends up relating their clinical experience through the procedure of *pass*, a data-gathering means of investigating the results of analysis by which the passand writes a testimony that serves as an "institutional framework" and "signals" their pass from analysand to analyst. These testimonies, often referred to individually as *passes*, function as study material to analysts and reveal *impasses* intrinsic to the process of analysis. I came to know about one of them by chance after the passand had just written it and needed to have it translated into English. What is in question is a text genre of its own, which has the pass as its embodiment and motive of this dissertation, where I bring up to discussion the formation of the analyst, the notions of reading experience and translation experience and, finally, comment the main textual characteristics of the *pass* along with translation *impasses* in light of the source text and the target text.

Keywords: Psychoanalysis; Analysis; Pass; Autobiographic writing; Experience.

SUMÁRIO

Resumo	6
Abstract	8
Introdução	10
Capítulo 1:A formação do analista	25
1.1: Mas que análise?.....	25
1.2: A materialidade abstrata	28
1.3: A clínica do real e do saber	32
Capítulo 2: Experiência de leitura e experiência de tradução	38
2.1: Mas que leitura?.....	38
2.2: Tradução-Versão?	40
2.3: A escrita do eu	44
Capítulo 3: O <i>passee</i> e os <i>impasses</i> de tradução	48
3.1: Mas que sujeito?	48
3.2 Literalidade e literariedade	51
Considerações finais: Traduzir e escrever	59
Referências bibliográficas.....	62
Anexos.....	67
Anexo A: Coup de foudre (original)	67
Anexo B: Coup de foudre (versão)	75

Índice de tabelas

Tabela 1: Marcas dêíticas de subjetividade, embreagem e debreagem..... 49

Tabela 2: Literalidade e literariedade..... 51

Tabela 3: O eco original e a letra..... 53

Tabela 4: A essência harmônica da tradução do passe..... 55

INTRODUÇÃO

A palavra tradução invoca, seja no vasto imaginário popular ou em âmbitos mais estritos e formais, como o acadêmico e o profissional, diversos sentidos, práticas e contextos. Da ideia comum – e certamente ultrapassada – de verter uma língua em outra aos conceitos mais atuais ensejados pelos estudos e teorias sobre tradução e tradutologia, inúmeros são os desdobramentos que a palavra tradução e a própria atividade tradutória fazem no percurso pelo qual elas fluem.

Aliás, da ideia de fluir surge o ímpeto de metaforizar a tradução como nascente, que do lençol freático brota límpida, pura e apoucada e cujos elementos constitutivos e ‘correntes’ (por assim dizer, agregantes) se apresentam analogamente aos da tradução.

Tal qual a mina d’água, fluida e crescente, que se adensa e aglutina inúmeros ecossistemas, permeando-os, integrando-os e muitas vezes embutindo-se neles desapercivelmente, da tradução emana sua matéria prima original, a língua. Esta, por sua vez, conglera linguagens que se realizam de formas tão multímodas e peculiares quanto os próprios meios, condições, propósitos e contextos de sua produção e circulação.

Por serem assim tão permeáveis e permeantes, moldáveis até certo ponto moldantes, tanto tradicional, interconceitual quanto interdisciplinarmente, água e tradução se assemelham ainda mais no sentido que desejo explorar adiante neste trabalho.

Para tanto, convém desviar esta analogia simbiótica para outra vertente, não estritamente biológica, também constitutiva do sujeito. Uma vertente subvertida do sujeito, cuja individualidade é efeito do meio social, humano por excelência.

Sujeito que reage aos acontecimentos históricos que o marcam, cingem e barram. Indivíduo que, sedento de verdade, não mergulha na água, mas sim nos significantes, e necessitainquietantemente fazer sentido e ultrapassar os limites lógicos e biológicos da racionalidade objetiva e cartesiana engendrada *nocogito ergo sum*. Como diz Askofaré (2009, p.166): “indivíduo empírico que se submete à experiência e à instância que se deduz da mesma experiência, instância suposta ao saber inconsciente, ao inconsciente como saber”.

Ao considerar dimensões não essencialmente materiais do sujeito, caminhamos para uma região limítrofe em que as dimensões físicas da linguagem também deixam de ser exclusivamente materiais: mais que registros físicos de som e letra. Sendo assim, à medida que a materialidade da letra se desprende da referência direta ao objeto, tende a se esvaír para o abstrato, constitutivo do inconsciente.

Essa materialidade, aqui, deve ser entendida a partir da elaboração saussuriana em torno do significante, dotado de uma imagem material acústica, o som, e da cifração do signo linguístico através da escrita. E por que ela se desprende, se esvai, escorre, e desliza?

Para Lacan, porque a letra é o que queda no campo real. E o que queda no campo real difere da noção de significante como mero transmissor de uma mensagem. Um exemplo da noção de letra explorada por Lacan está no seminário sobre o conto de Edgar Allan Poe *The Purloined Letter* (1956), onde o psicanalista indica o quão heterogêneos são os registros que recaem sobre a letra, mostrando como se desloca, vela e revela uma mensagem entre os personagens do conto.

A letra, *letter*, escrita em papel, perde seu papel de comunicadora em suas paragens e percursos ao longo do conto. A carta desviada passa, assim, a ser um indicador oscilante que depende das diferentes posições subjetivas dos personagens. Dito de outro modo, a carta e suas errâncias regem a intersubjetividade das personagens, até se tornar, depois de inúmeros desvios e reviramentos, *litter* (lixo):

“E, com efeito, voltando a nossos policiais, como poderiam eles apoderar-se da carta, eles que a apanharam no lugar onde estava escondida? Naquilo que reviravam entre os dedos, que outra coisa seguravam eles senão o que não correspondia à descrição que tinham dela? A *letter*, a *litter*, uma carta, uma letra, um lixo. Fizeram-se trocadilhos, no cenáculo de Joyce, com a homofonia dessas duas palavras em inglês. A espécie de objeto que os policiais manipulam nesse momento, tampouco lhes revela sua outra natureza por estar apenas meio rasgada.” (LACAN, 1956/ 1998, p.28)

Outro exemplo, cabal, Lacan traz em *A instância da letra no inconsciente* (1957/1998b, p. 498) designando por letra (originalmente, *lettre*) “esse suporte material que o discurso concreto toma emprestado da linguagem”, ressaltando sua materialidade em relação à linguagem, ao significante.

Com esses dois aportes, fica evidente a oposição entre a letra-significante e a letra-pulsional, pré-consciente. Certamente, Lacan explorará outras dimensões da letra em *A identificação* e em outros textos nas décadas de 1960 e 1970, mas nos contentaremos com essa diferenciação para explicitar a principal ideia de materialidade da letra, a qual será retomada adiante neste trabalho, na análise do texto original e sua versão.

Sime assim, estamos adentrando águas da psicanálise. E se esse domínio nos remete automaticamente a conceitos que são vivenciados subjetivamente, isto é, são da ordem da experiência pessoal, é inequívoco dizer que experiências diferentes geram discursos diferentes. Este argumento por si já instaura, na dinâmica da escrita ensaística da qual me valerei neste trabalho, alguns conjuntos de semelhanças e diferenças bastante evidentes entre as tarefas analítica e tradutória, no que tange a ideia de experiência.

Concebo, para tanto, a escrita ensaística sob dois prismas: o de Jorge Larrosa (2004), para quem o ensaio é um modo experimental do pensamento, e o de Theodor Adorno (2003) como um modelo de reflexão próximo da forma literária, privilegiando, assim, um momento expositivo, ou ainda, a experiência do conhecimento da arte de narrar, e não a aplicação de conceitos sobre narratologia, ou as literaturas que se valem de conceitos relacionados ao gênero narrativo.

Amparado nessa escrita e de forma mais ou menos pendular, apresentarei um pano de fundo para o tecido maior que será o entremeado dos capítulos seguintes, condensando a macrotextura deste trabalho e simultaneamente delimitando seu escopo. Assim, tal escolha implicará numa extensão atipicamente maior do que se espera de uma introdução, mas antecipará ideias que servirão como uma bússola para nortear os caminhos explorados adiante.

Estudos da tradução e Psicanálise são áreas do saber consideravelmente recentes quando comparadas a ciências mais antigas, tais quais História, Linguística e Filosofia. Mesmo assim, seu diálogo e sua imbricação atuais com a(s) linguagem(ns) denotam sua imanência ao sujeito, promovendo correlações epistêmicas, científicas e até mesmo ontológicas com ele e esses outros campos do saber. Por conseguinte, os intertextos gerados pela interdisciplinaridade e interculturalidade inerentes ao processo tradutório e analítico refletem ainda mais como essas duas

nascentes, em diversos momentos e com diversos propósitos, podem e tendem a confluir.

Um dos pontos de confluência entre a tradução e a psicanálise, mote deste trabalho, é o que chamarei de “nó intersubjetivo”: um entrelugar oportuno e momentâneo, cuja construção decorre da aproximação e enlace de ideias, conceitos e concepções não inteiramente objetivos. Portanto, a intersubjetividade aqui deve ser concebida como a capacidade psicológica de ter e partilhar objetivos, interesses, emoções e de estar pronto para comunicar os acontecimentos intrinsecamente psicológicos a outras pessoas (TREVARTHEN, 2005). E embora esse conceito se alinhe sutilmente ao aspecto dialógico da intersubjetividade defendido por Bakhtin (1997), é em Lacan que encontramos a real essência do termo.

Lacan tentará inscrever formalmente a intersubjetividade num sistema composto pelo real e pelo simbólico, no qual o desejo, elemento essencial da experiência humana, só emerge por meio da linguagem. Enquanto o real designa uma realidade de fenômenos representativos na instância do eu, o simbólico se baseia na linguagem, signos e significação determinantes do sujeito à sua revelia, revelando-lhe e levando-o ao Outro. Esta formulação aponta para a questão da alteridade, tão presente nos estudos de tradução, que por sua vez desemboca no famoso axioma “o desejo do homem é o desejo do outro” (Lacan 1962-1963/2004, p. 32).

Na ocasião particular em que escrevia versão em inglês de um texto em português oriundo do fim de análise (doravante *passe*¹), o cenário desenhado no processo tradutório deu espaço para o encontro (nó) intersubjetivo entre mim e a passante².

Na troca natural e em grande parte inconsciente ocorrida entre a analisante e seu(s) analista(s) em situação clínica, os sujeitos em questão protagonizaram a construção linguística dos elementos necessários à manutenção da análise, como os momentos de fala, silêncio, intervenção, associação e, obviamente, estratégias analíticas específicas de cada encontro e de cada analista.

¹A palavra *passe* será grafada em itálico para designar o texto oriundo do momento do final de análise em que o analisante vira analista e sem formatação em referência ao nome do procedimento inventado para que o testemunho dessa passagem seja acolhido pela instituição psicanalítica, ou seja, por uma Escola de psicanálise, de acordo com a definição de Quinet (1991).

²Sujeito analisante que se submete ao passe e narra sua experiência de análise na escrita do *passe*.

Num determinado momento, um terceiro sujeito – o tradutor – tem acesso a um recorte material da passagem pela análise – o *passe*. Aí se estabelece o nó intersubjetivo, exteriormente ao cenário clínico, quando o sujeito tradutor toma conhecimento dessa materialidade, ao passo que recebe dela e imprime sobre ela influências culturais, idiossincráticas e linguísticas *sui generis* no ato tradutório.

Essa diferença em si retoma o dualismo que apontei anteriormente, o qual será marcado por aproximações e afastamentos observados na tradução do *passe* que compõe este trabalho, os quais desejo explorar mais adiante.

METODOLOGIA

A metodologia, deste modo, está ancorada na escrita de modo ensaístico, cuja maleabilidade permite comentários que se alinham à tradução comentada, ou melhor, a um comentário de tradução do *passe*, alinhando os caracteres autoral, metatextual e discursivo-crítico desse gênero acadêmico-literário (TORRES, 2017).

Sem dúvida, os aspectos narratológicos apontados por Clark (1995) em sua análise de trabalhos científicos reverberaram na escrita de vários teóricos e críticos da filosofia e da literatura, tornando o gênero ensaio uma alternativa mais criativa para tratar de temas “duros”.

De acordo com Adorno em *O ensaio como forma* (1958/1959), a hibridez e a autonomia, características próprias do ensaio, o colocaram em forte contraponto estético e teórico a outras formas tradicionais de pensar e escrever desde o início da modernidade. Os contornos que o filósofo dá para seu texto evidenciam, ao mesmo tempo, a originalidade dos ensaios de Montaigne, como marco inicial do gênero, e da escrita de Proust em sua célebre obra *Em busca do tempo perdido*, escrita entre 1908 e 1909.

Como efeito direto dessa evidência, Adorno circunscreve uma sensibilidade para a transformação dos modos de experiência, assinalando um material narrativo que esboça um rico tecido de rememoração que, nas palavras dele, são um pedaço da vida daquele que observa suas experiências como elementos de sua própria consciência.

Sustentando essa ideia, Berman vê analogamente no comentário de tradução uma maneira de esclarecer o sentido, já que requer minucioso trabalho de leitura, interpretação e volta à tradução do texto. Em *A tradução e a letra*, vemos uma cogitação instigante, e não menos intrigante: “imagina-se tudo o que uma psicanálise voltada para a língua pode trazer para a tradutologia” (2007, p.64). E permitam-me provocar esta fala com seu espelho: imagina-se tudo o que uma tradução voltada para a língua pode fazer para a psicanálise.

Vejo, no conselho que acompanha essa quase-ilação bermaniana, um arremate cauteloso: “Mas a abordagem psicanalítica da tradução deve ser tarefa dos próprios analistas, desde que façam da experiência da tradução uma dimensão essencial da própria psicanálise.” (ibid.). Será, então, que uma abordagem tradutória ou tradutológica da psicanálise faria da experiência analítica uma dimensão tão essencial da própria tradução?

A psicanálise é um tema duro, considerada mesmo hoje, mais de cem anos após seu surgimento e vasta evolução, um campo arriscado, obscuro e penoso, certamente devido a fatores igualmente incômodos, a dizer: por lidar com realidades psicológicas que concernem um universal particular, isto é, prestar-se a abraçar um coletivo que é antes individual, exclusivo do sujeito eu; por convocar e provocar o domínio linguístico de maneira tão peculiar e tê-lo a todo tempo estruturado no inconsciente; pelas barreiras impostas pela língua, já que a literalidade é, quase que por um triz, não mais que uma maquiagem para chistes e atos falhos.

Mas retomemos a ideia de uma escrita com nuances de ensaio. Walter Benjamin, filósofo, ensaísta, tradutor e crítico literário alemão, coloca a experiência no papel central na sua obra, isto é, “a fonte a que recorreram todos os narradores. E, entre as narrativas escritas as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos” (BENJAMIN, 1996, p. 198).

Ao perceber essa visão rizomática da tradução – pela lente do rizoma de Deleuze e Guattari –, respaldamos tradutores e psicanalistas em uma crítica tarefa: desconstruir associações fundamentadas em pressupostos hierárquicos entre os estudos da tradução, a linguística e a psicanálise.

Neste ponto, portanto, é imprescindível pensar essas duas áreas não como um sistema arborescente, ramificado, que se propaga a partir de uma unidade central para

sistemas múltiplos e dicotômicos. Ao contrário, como Deleuze explica sobre a natureza: “A natureza não é atributiva, mas conjuntiva: ela se exprime em “e” e não em “é” (DELEUZE, 1974, p. 274). Tradução e psicanálise têm sua própria natureza, por mais que coabitem num ecossistema muito mais amplo, porém este fato não nos permite considerá-las de maneira isolada. A auto-suficiência aqui seria nada além de uma alegoria.

Portanto, em vez de objetivar o subjetivo, reduzindo a Tradução e a Psicanálise a definições do tipo “é”, inclinamo-nos para uma subjetivação do objetivo – no sentido de pretensiosamente aceitarmos conceitos científicos e os fazeres próprios dessas áreas, mas apreender a sua realidade de forma não unicamente objetiva. Afinal, não há nada predeterminado que prescreva efetiva ou corretamente como uma tradução ou análise devam ser feitas, por mais materialmente objetivo que um texto ou um tradutor pareçam ser.

Para entendermos melhor como uma materialidade pode não ser inteiramente objetiva, retomemos Searle, em sua célebre obra *The Construction of Social Reality* (1995). O professor é contundente ao enfatizar uma dicotomia entre parte e todo, matéria bruta e matéria funcional, garantindo que o modo como o indivíduo *experimenta* e *experencia* um determinado fato define não *a* realidade, mas a *sua* realidade. Logo, o componente subjetivo, somado à realidade tal qual ela se apresenta, lança dúvida sobre a noção daquilo que chamamos realidade, já que cada indivíduo a experimenta de uma forma sua, talvez não única nem exclusiva, mas relativa.

Essa relatividade, na esfera tradutória, quando enxergada à luz dos diversos contextos de produção, inclui muito além de dimensões e elementos atrelados ao texto, mas intimamente o grande responsável pela sua construção: o tradutor. O tradutor, o agente possibilitador – e de fato, instituidor – dessa realidade, contribui fundamentalmente para a sua criação, pois não há tradução sem o tradutor, assim como não há análise sem analista e analisante.

Essa perspectiva imanente da *realidade* apresentada por Searle, a de produto constituído pela ação humana, dialoga de maneira particular com o rizoma deleuzeano, pois retoma a metáfora ecossistêmica que outrora sinalizei. Sinalizar é alertar. Indicar, identificar e instruir. Esclarecer, explicar e elucidar questões subjetivas pulsantes, seja no entremeado de eventos linguísticos no falar e no calar de cada sessão ou na leitura e

escrita de cada palavra, realidades pujantes as quais sob nenhuma circunstância poderiam ser negligenciadas ou silenciadas no ato tradutório e no ato analítico, já que não somente surgem no seu cerne como também os definem.

Vejam que, compreendendo a escrita como um evento subjetivo e ao mesmo tempo social, admitimo-la como um mecanismo de transmissão de experiências, as quais só podem ser acessíveis via leitura. De maneira análoga, entendemos a análise consoante à afirmação do renomado psicanalista e professor Christian Dunker, de que a maneira como entendemos e falamos do nosso sofrimento transforma nossa experiência.

São exatamente estes os vieses da experiência que abordarei nos capítulos dois e três, já que a partir da leitura e tradução do *passé* decorre o nó intersubjetivo. O nó ao requerer mutualidade, alinha-se à noção de experiência apontada por Lacan em seu *Discurso de Roma* (1953). Apoiado na lei dialética hegeliana, segundo a qual um sujeito só assume seu ser pela mediação de outro sujeito, no discurso, Lacan indicará a mutualidade envolvida no ato analítico como uma forma de descrever a relação entre analista e analisante e explicar os fenômenos psíquicos da transferência, à luz do que já esboçara Freud anteriormente em “A Dinâmica da Transferência” (1912b).

Essa mesma mutualidade em que se baseia a experiência, no sentido esboçado por Lacan em *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise*³ difere do ponto de vista aristotélico, que pressupõe o *logos* como motor formativo da experiência. Trata-se, ao contrário, de uma experiência enquanto conjugação do particular e do universal. Em outras palavras, ‘o ser do sujeito, em sua facticidade e experiência, é absorvido com um caso particular do Ser em geral’ (SIMANKE et al., 2010, p. 356), o que se constitui como grande valia para a pesquisa qualitativa.

A singularidade conjugada implica conceber tradutor e analisante como sujeitos bem mais referidos ao particular, cujas experiências tradutória e analítica, em geral, se fundam e transbordam muito mais sobre construção estruturada pelo discurso, ou seja, por meio da leitura, da escrita e da fala que de uma experiência previamente determinada por uma teoria de tradução ou de psicanálise.

Uma diferença que emerge daqui é a maneira como se dá o discurso em cada uma dessas esferas. Por um lado, estar em análise pressupõe o uso fundamental da fala

³ Título original do relatório produzido por Lacan em 1953 que se tornou popularmente conhecido por *Discurso de Roma*.

como mecanismo de acesso, inspeção e circunscrição de inúmeras cadeias ordenadas de significantes, os quais se estruturam como um saber e dão lugar à verdade (MILLER, 2003). Por outro, ao ancorar a linguagem em águas profundas e obscuras que só se acessam por meio da própria linguagem, a “verdade” revelada ao invés de satisfazer e libertar o sujeito acaba por barrá-lo e cingi-lo.

Apesar de conflituosa, essa noção de verdade-linguagem, homogênea à de Benveniste, presente em seu artigo *Da subjetividade na linguagem*, nos ensina que é “na e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito, uma vez que na verdade, só a linguagem funda, na sua realidade, que é a do ser, o conceito de ego” (BENVENISTE, 1991b, p. 28).

Tiramos dessa afirmação que a linguagem instaura a subjetividade, mas encontramos evidência de que o inverso é igualmente válido:

A linguagem só é possível porque cada locutor se coloca como sujeito, remetendo a si mesmo como eu em seu discurso. Dessa forma, *eu* estabelece uma outra pessoa, aquela que, completamente exterior a mim, torna-se meu eco ao qual eu digo *tu* e que me diz *tu* (BENVENISTE, 2005d, p. 286).

Embora Benveniste não se ocupasse especificamente com psicanálise, o paradoxo linguagem-subjetividade é próprio da experiência analítica. Sem sujeito não há linguagem, e sem linguagem não há sujeito real. Não há realidade pré-discursiva. Não há experiência. Não há análise. Não *há*.

Essa contradição aparente não se verifica tão imbricada na experiência tradutória, já que o tradutor não busca, antes, uma verdade sobre si, mas uma verdade sobre o texto anterior à tradução. No ato tradutório, qualquer aspecto de um dado texto, seja material ou abstrato, se revela sim pelo tradutor, mas através do *próprio texto* escrito, da linguagem ali presente, do real localizável.

A partir daí notamos outra diferença, esta quanto à forma de interpretação. Em psicanálise, interpretar não é algo da ordem da episteme, tampouco dedução lógica: ela é quase *l'esprit d'à propos*, um dizer de ocasião, o *kairos*, como aponta Jacques-Alain Miller em *A formação do analista* (2003). É algo eventual, que só ocorre numa oportunidade despreendida, se assim podemos dizer.

Já em tradução, interpretar pressupõe um exercício hermenêutico operado a todo tempo, voluntariamente, em todo o território semântico do texto, na superfície e

profundeza da linguagem, até nos limites de suas fronteiras, em meio a jogos de sentido, equivalência, estrangeirização, domesticação, neutralização, naturalização, interculturalidades e muitas outras questões que extrapolam o domínio puramente linguístico. Eis aqui um ponto crucial: não há como falar em experiência leitora e experiência escrita, especialmente nessa perspectiva dialogal entre tradução e psicanálise, sem aprofundar a discussão sobre algumas concepções de leitura e escrita.

Começemos com o ponto de vista saussuriano: a língua é definida como social em sua essência e independente do indivíduo, enquanto a fala é parte concreta da linguagem produzida pelo falante e articulada com a ajuda do instrumento criado e fornecido pela coletividade (SAUSSURE, 1978).

Ora, nós, enquanto sujeitos sociais e coletivos, somos encharcados com inúmeros discursos desde muito cedo. Segundo Longo (2006), isso significa dizer que carregamos em tempo prematuro a marca da alteridade e o representante dela, o Outro. Esses discursos nos banham eminentemente através da fala e escrita, quando ouvimos e lemos. E claro, quando traduzimos.

Esse aspecto relacional das atividades de fala, leitura e escrita nos saltam aos olhos quando Jakobson expande a afirmação de Saussure de que num estado de língua tudo se baseia em relações, deixando claro que

“(...) a predominância alternativa de um ou outro desses dois processos [metafóricos e metonímicos] não é de modo algum exclusivo da arte verbal. A mesma oscilação aparece em outros sistemas de significação que não a linguagem”(JAKOBSON, 1975, p. 57).

Se a linguagem remete à língua e esta pode ser concebida como um sistema fechado, então a língua pode falar de seu objeto exterior. Esse objeto pode ser tanto um fuzil quanto uma mulher, ou ainda uma mulher que sonha crianças sendo atingidas por tiros de fuzil. Não arriscaremos, no raso, definir fuzil, mulher ou sonho, pois a tentativa se frustrará automaticamente pela metáfora encravada nesse conjunto, mas fuzil...Fuzilar, poder, poder de fogo, tiro, raio, golpe.

A substituição da qual me aproveitei acima, tal qual se verificará na versão apresentada como anexo deste trabalho, tem o poder de operar fortemente na metáfora (relação de significantes fundamentada na similaridade semântica ou homofônica entre eles) e na metonímia (implantação de um novo significante pela denominação de algo

por um termo não lhe é habitual) para a construção de sentido do significante lacaniano, como aquilo que representa o sujeito para outro significante" (LACAN, 1960/1998, p.833). Seria tão diferente assim em tradução? Deve haver motivos para nos assegurarmos de que não.

Jacques Lacan, psiquiatra, psicanalista, clínico, teórico, mestre, fundador da Escola Freudiana de Paris e, com a dissolução desta, da Escola da Causa Freudiana, tendo atuado veementemente na transmissão oral da psicanálise, tem grande parte de sua importância atrelada ao fato de ter escolhido a linguística e a lógica para reconfigurar a teoria do inconsciente antes proposta por Freud.

E se o assunto é linguística em psicanálise, é imperativo relembrares tríade de axiomas que epitomizam a distinção de Lacan e se constituem como sustentáculo do que abordei até aqui:

i) o inconsciente é estruturado como uma linguagem;

ii) a linguagem é condição do inconsciente e

iii) o inconsciente é o discurso do Outro.

Na fonte da tradução, a psicanálise forja uma intersemiotividade que nos permite reforçar esse elo entre inconsciente, linguagem e discurso, pelo menos sob três pontos de vista.

Primeiro, as três globalizações definidas por Dominique Wolton (2003) – política, econômica e cultural – já apontam para essa afluência, visto que a tradução e psicanálise se inserem em todos esses âmbitos. Segundo, mas não menos importante, é a figura de agente do tradutor, que emerge da necessidade de comunicar a si mesmo e ao outro um significado cultural e o próprio outro, explícito ou entremeado no *non dit*. Finalmente, é possível que, a partir de uma tradução, o *passe* lacaniano represente um gênero discursivo próprio, médium para a subjetificação do sintoma e desinente da experiência de tradução de si mesmo por meio da escrita.

Para Frederic Will (1966), a tradução é uma forma de dar nomes, fazer ficção e conhecer. Sendo assim, diferentes línguas constroem realidades separadas, assumindo o caráter, o ritmo e os desejos humanos e revelando nosso verdadeiro eu. Dar nomes nos ajuda a conhecer esse eu. Em outras palavras, as coisas se revelam quando são nomeadas (BENJAMIN apud GAGNEBIN, 2005). O seio da psicanálise, sobretudo na

experiência de análise culminante com o procedimento de passe, se mostra assim como um lugar propício para o sujeito narrar a si mesmo, seus anseios, suas inquietações, suas pulsões e sintomas.

Se o universo linguístico de signos, significados, metáforas, metonímias, trocas e trocadilhos entre palavras da mesma ou de diferentes línguas são matéria-prima bruta para a tarefa analítica, para o analisante, traduzir anos de análise em um único texto é tarefa quase tão árdua quanto o seu investimento emocional e financeiro. O que dirá então o tradutor que, estranho à realidade desse analisante, é incumbido de escrever noutra língua um texto seu (do outro), com o desafio de fazê-lo ao mesmo tempo seu (do eu)?

Certamente, nos trâmites entre a língua de origem e a língua alvoe, por conseguinte, entre o texto-fonte e o texto traduzido muito será esboçado, refeito, julgado e mesmo perdido, posto que o significado nunca é abstraído do fluxo histórico, da cena e do evento em que ocorreu (GENTZLER, 2001).

Preservar, recuperar e atingir efeitos de sentido peculiares do texto original no ato de tradução, revelar ou ocultar o estrangeiro são apenas algumas das “tarefas do tradutor”. Para isso, além de vasto conhecimento lexicográfico e científico da área, são imperativas a sensibilidade e razoabilidade na seleção e jogo vocabular, construção sintática e uso de figuras de linguagem, num fazer tradutório não petrificado, mas que certamente evoca um fazer poético, isto é, traduzir o que faz o texto à sua língua, conforme a posição subjetiva do tradutor, conforme postulou Meschonnic (1999).

À luz de alguns conceitos em tradução explorados por Antoine Berman, apresento um comentário de tradução para analisar os limites entre a terminologia científica e a experiência pessoal do analisante e do tradutor. Permito-me, neste ato, comparar o original e a tradução para realçar algumas diferenças e semelhanças estruturais, vocabulares, semânticas e conceituais presentes nos dois textos, e perceber de que forma a escrita e tradução do passe se constituem numa poderosa ferramenta para a constituição de um intertexto entre a tradução e a psicanálise, e também de um gênero discursivo próprio desta área.

JUSTIFICATIVA

A ciência da tradução, se podemos assim dizer, está cercada (e não por acaso legitimada) por diversas áreas de estudo e correntes de pensamento: linguística descritiva, linguística comparativa, gramática gerativa, formalismo russo, estruturalismo, funcionalismo, neurolinguística etc.

Apesar dos pensamentos de teóricos e críticos dessas áreas não estarem necessariamente alinhados e consoantes à prática de tradução *per se*, devemos nos lembrar parece haver uma espécie de hermenêutica compartilhada entre os teóricos de tradução e tradutores que operam quase com um acordo tácito, através da qual às línguas se permite transpor e transgredir barreiras sociais e culturais.

Se por um lado essa hermenêutica engendra na superfície textual sua exegese, por outro infalivelmente suplica, na sua profundidade linguística, por algo que não seja *apenas a palavra*. O tradutor não estuda nem usa palavras fixas como realidades acessíveis à tradução por um método específico, *mas em seus sentidos adquiridos*.

Desta maneira, numa perspectiva intercultural e humanística, o tradutor pode optar por uma ou outra abordagem ao traduzir, dependendo da situação. Isto quer dizer que, ao se propor a uma tradução ou versão, no ato interpretativo do texto, a idiosincrasia do tradutor pode ou não perturbar ou distorcer aspectos textuais, o que impacta a noção de equivalência em sentido, forma, ritmo, estilo e letra.

Por consequência, aspectos como a literalidade e literariedade, isto é, os contornos e traços linguístico-literários específicos de um texto ou obra podem ser muito bem suavizados como também transgredidos propositadamente e contraculturalmente, instaurando estilos, poéticas e devires.

Da abordagem variável surge a convicção de Lefevere (1978) comentada por GENTZLER (2001) de que o “objeto de estudo da tradução não é algo fixo no mundo real, tampouco transcendental, mas as traduções em si”. Também Holmes (1973) irá firmar esse princípio ao dizer que a equivalência entre fonte e alvo é mínima, visto que

decisões subjetivas (do tradutor) e acidentes (linguísticos) tendem para a variedade de formas do texto-alvo.

Consubstanciando a ideia de uma teoria tradutora que se debruce sobre a própria tradução, captamos a essência do objetivo da teoria de tradução, que é

“(...) alcançar um entendimento acerca dos processos empreendidos no ato de traduzir, e não, como é geralmente mal interpretado, prover um conjunto de normas para efetuar uma tradução perfeita”. (BASSNET, 1980, pp. 44,45, tradução minha)⁴

Se já é trabalhoso e problemático definir uma tradução perfeita, imagine efetuar-la. Porém, a ideia de uma tradução “psicanalítica”, voltada para o *passe* enquanto desdobramento textual do ato analítico (tanto na perspectiva de intervenção quanto de experiência) me parece instigante, já que demandaria do tradutor um olhar e conhecimento psicanalítico mais aguçado, específico e cuidadoso.

Quem sabe um tradutor-psicanalista, ou um psicanalista-tradutor, tivesse um veio e uma veia tradutória a partir da qual se poderiam construir glossários, estudar traços poéticos, as constantes metáforas e alusões a obras e conceitos enraizados na filosofia grega antiga, descrever a influência do gênero narrativo sobre a estilística do *passe*, ou ainda traçar algumas das diferenças que a dicotomia objetividade-subjetividade acarreta em textos traduzidos do inglês para línguas latinas ou as versões destes em inglês. Além destas implicações, há de se mencionar o fazer tradutório que se constitui e desdobra no ato de resgatar e retraçar memórias, por parte do analisante, e recontá-las por meio da tradução, por parte do tradutor.

Saber onde e, principalmente, como a tradução e a psicanálise confluem pode render bons frutos para ambas essas áreas, se enxergarmos, simultaneamente, o *passe/passe* como instrumento, ou seja, objeto fomentador de estudo e tradução, e produto textual, elemento gerado por processo criativo que goza da prerrogativa de somar dois arca-bouços teóricos, além de engendrar individualidades traduzidas pelo analisante e o tradutor em perspectivas ao mesmo tempo intralinguais (de modo que os signos verbais são interpretados através de outros signos da mesma língua), interlinguais (interpretação dos signos verbais por meio de signos de outra língua) e

⁴ “The purpose of translation theory, then, is to reach an understanding of the processes undertaken in the act of translation and, not, as is so commonly misunderstood, to provide a set of norms for effecting the perfect translation” (BASSNETT, 2002 p.44).

intersemióticas (os signos verbais se interpretam por meio de sistemas de signos não-verbais (JAKOBSON, 1975).

OBJETIVOS

O objetivo central do presente trabalho é comentar de maneira analítico-comparativa sobre uma tradução minha, publicada numa revista de psicanálise em inglês, de um *passe* escrito originalmente em português para então, identificar características enunciativas e estruturais dos dois textos que permitam concebê-los como um gênero discursivo próprio.

A prática tradutória, desta forma, funcionará não como um mecanismo de aplicação das teorias de tradução, mas como um procedimento capaz de problematizá-las. Ao fazê-lo, propiciarei oportunidades para estabelecer os nós intersubjetivos entre as experiências subjetivas traduzentes – o analisante e do tradutor –, já que os caminhos e barreiras linguísticas do contexto de produção e tradução do *passe*, isto é, sua escrita, leitura e reescrita, são o mote principal desse trabalho.

Nesse diálogo é que se ancora, também, parte dos objetivos deste trabalho, na medida em que visio demonstrar como o *passe* pode na esfera psicanalítica e na da tradução, ser considerado um mecanismo de significação e ressignificação do eu, nos domínios da escrita, leitura e reescrita, já que a experiência tradutória produz e transmite discursos, vozes e saberes para além daqueles contidos nos textos originais.

Reiterando o que fora supracitado, a produção textual de cunho ensaístico se estrutura em três capítulos fundamentais, onde explanarei inicialmente e de maneira mais sucinta sobre a formação do analista, ao passo em que explico o que é, para que serve e de que se serve o *passe* psicanalítico.

Depois, discorrerei sobre a experiência nas perspectivas de leitura e tradução, explorando a ideia de um tradutor que atua alternadamente como leitor e escritor e que ao mesmo tempo *dissemina e se contamina* com o texto e seus discursos.

Por fim, comentarei a tradução minha do *passe*, buscando similaridades e diferenças linguísticas entre os textos fonte e alvo que os coloquem em evidência

características de um novo gênero discursivo, capaz de interpelar as teorias de tradução e convocar um novo fazer tradutório.

CAPÍTULO 1: A FORMAÇÃO DO ANALISTA

1.1 MAS QUE ANÁLISE?

Num brevíssimo retrospecto sobre o surgimento da psicanálise e dos fundamentos básicos sobre os quais inicialmente se ergue sua teoria, se assim podemos dizer, devemos retomar a segunda metade do século XIX e lembrar o marco histórico da publicação de *A interpretação dos sonhos* em 1899, por Sigmund Freud.

O ineditismo das formulações contidas naquela obra residia, por um lado, no atrelamento entre as concepções inovadoras desenvolvidas pelo médico austríaco sobre os ditos processos inconscientes, pré-conscientes e conscientes envolvidos nos sonhos e conectados a manifestações de determinados sintomas em casos clínicos. Por outro, tal efervescência muito se deveu ao redimensionamento radical do cogito cartesiano e da sexualidade – esta última passando de disposição tangente ao animalesco, segundo o pensamento aristotélico, a sustentáculo primário da subjetividade e da cultura, segundo as novas proposições freudianas.

Amparado em métodos psiquiátricos e neurológicos de tratamento de perturbações histórico-orgânicas baseados na hipnose e muito desejoso de estabelecer sua clínica, Freud ampliou as pesquisas de seus dois grandes mestres ao se dedicar ao estudo dos sonhos.

Acreditando que eles careciam de interpretação e estavam associados patologicamente a desejos e conflitos distorcidos, condensados e reprimidos no inconsciente, Freud buscava a cura de distúrbios neurológicos, no intuito de resgatar a ordem mental.

Visitando o tempo de Freud, percebemos quão comumente doenças nervosas eram mal-interpretadas e desdenhadas pela comunidade médica, já que muitos deles ignoravam os componentes psíquicos que as contingenciavam. Tais negligências

poderiam até se explicar pelos limites da tradição científica da época. Afinal de contas, quarenta anos antes de *A interpretação dos sonhos* fora publicada *A origem das espécies* de Darwin, cujo esteio determinista influenciou o pensamento e a ciência durante muitos dos anos seguintes.

Formular e postular na contramão do pensamento científico-filosófico não parecia algo fácil e, como disse mesmo Freud, de alguma maneira era preciso “ignorar a idiossincrasia dos filósofos” (1981, p.38) para que a psicanálise freudiana fosse aceita, difundida e respeitada.

Esses fatores, somados ao não reconhecimento da linguística como ciência até pouco antes do início do século XIX, quando os métodos de estudo eram mais filosóficos, filológicos e histórico-comparatistas, suscitou o interesse e a preocupação de Freud em investigar o intrigante fenômeno da linguagem e suas dimensões envolvidas na psicanálise.

Poderia se argumentar de antemão que os principais componentes do edifício teórico da psicanálise, sendo as teorias da resistência e da repressão, do inconsciente, da significação etiológica da vida sexual e a importância das vivências infantis e que, portanto, a linguagem pouco ou nenhum papel representou naquele momento inicial.

Devo divergir. Primeiro, pelo “simples” fato de Freud ter se empenhado em traduzir para o alemão dois livros de Charcot. Segundo, ao se levar em conta o momento subsequente de sua clínica, quando a técnica no procedimento analítico se voltou para a livre associação. Nela, o paciente adulto era solicitado que dissesse o que lhe viesse à mente para comunicar o que sua percepção acusasse em torno de assunto qualquer, sem qualquer incitação prévia por parte do analista, o qual se encarregava da *arte de interpretação*. Terceiro, a linguagem, por mais que possa até certo ponto ser explicada à luz da teoria darwiniana por uma espécie de mudança, falha ou falta na cadeia genético-evolutiva dos homens, se mostra justamente como um elemento que supre essa lacuna e que nos diferencia de outros animais.

Retomando o contexto de análise, fica evidente que, pelo menos do ponto de vista da livre associação, a linguagem era tanto *mecanismo* de acesso à vida prévia do paciente adulto, *produt* desse acesso e também *conteúdo* dele.

É nessas sutis observações que progrediremos à resposta para a pergunta central que intitula a primeira sessão desse capítulo: “Mas que análise?”. O que se sucede, a partir daqui, são reflexões sobre alguns pensamentos dos principais autores que se

ocuparam de psicanálise e de análise, e breves comentários que os interpretem numa perspectiva de tradução.

Isso posto, cada indicação feita significará também um ponto de edificação dessa resposta, para compreendermos de forma mais explícita como o caminho de análise deságua no caminho de tradução que me propus a cursar.

Após essa breve “digressão dêitica”, retomo o par conteúdo/produto de análise de Freud. Qualquer um de nós provavelmente já meditou sobre um sonho e os possíveis significados contidos nas fantasias que neles se desenrolam. E certamente já falhamos ou abandonamos o propósito por sermos barrados por um real impossível de simbolizar. Aí está um ponto exato cabido à análise.

Intermediados pelo analista, os conteúdos manifestos (manifestação do sonho após estarmos despertos) e latentes (pensamentos inconscientes) produzidos e trazidos à tona pelos pacientes eram sem dúvida um convite irrecusável, quase mesmo uma obsessão, para a interpretação dos sonhos tão almejada por Freud.

O caminho investigativo de Freud é concomitante às escritas de vários de seus textos e livros, os quais fornecem ricas discussões sobre as instâncias em que a psicanálise se atrela à tradução. Vejamos algumas.

A própria analogia entre tradução (Übersetzung) e interpretação (Deutung) de sonhos (Traumdeutung) comparece frequentemente por toda a obra freudiana, tanto para formular a construção dos sonhos quanto para explicar o funcionamento do aparelho psíquico: “A linguagem do sonho pode ser encarada como o método pelo qual a atividade mental inconsciente se expressa” (Freud, 1996a, p.180).

Sabemos que uma palavra corresponde a dimensões materiais que evocam um complicado processo associativo que reúne elementos de origem visual, acústica e sinestésica. Em *O Estranho* (1919), Freud reforça essa constatação através da leitura analítica de obras literárias, e propõe que as suas personagens são substancialmente construções linguísticas.

Na obra em questão, em suma, Freud apontava a dimensão subjetiva da experiência que o leitor tem ao se colocar no lugar das personagens e sentir tal qual elas sentem, vivenciando um colapso entre o familiar e o estrangeiro propiciado pelo fator narrativo.

Mais tarde, nos anos de 1893 a 1895, com Breuer, propõe nos *Estudos sobre histeria* somar à dimensão biofísica da linguagem os componentes psicológico e cultural, e descreve os componentes daquilo que ele denominou representação verbal: a

representação que um determinado indivíduo possui de uma palavra em termos do som, elementos gráficos, a imagem mental da realização escrita dessa palavra e a imagem psíquica atrelada a ela, ou seja, as consequências psicológicas evocadas por ela.

Algo como o signo saussuriano, já que a palavra se relaciona à representação do objeto, só que numa profundidade e enfoque que tomam a linguagem como espelho do psiquismo humano para além de um reflexo da sua individualidade materializada na fala.

Em *A interpretação das afasias* (1891), relaciona o papel da linguagem na catarse e resposta terapêuticas, evidenciando o elo entre a linguagem e a ação humana.

Tais esforços e esboços teóricos já se constituíam como um novo campo do saber. Um campo que extrapolava o discurso médico e que começava a ecoar timidamente, mas que futuramente contribuiria para as teorias sobre linguagem de Jakobson, que se debruçou sobre a afasia nos anos de 1960, Sapir e Whorf (1921), que retomaram a relação entre as dimensões linguístico-culturais que influenciam o modo de pensar e viver das pessoas, e também Austin (1975), e Searle (1984), que se detiveram sobre a teoria dos atos de fala.

Entretanto, qualquer quebra-cabeças só se completa com uma peça-chave. Uma delas, central nesse puzzle, foi Jacques Lacan, por se distinguir singularmente de Freud e dos linguistas ao tomar a linguagem não como objeto perceptível apenas empiricamente, mas como uma força, uma espécie de modelo energético de onde emerge o sujeito.

Para o psicanalista francês, essa emergência é, paradoxalmente, achatada por um logro estrutural, pois à dicotomia eu-tu insere-se uma figura simbólica do lugar de ausência: o ele.

Aqui se encontra mais um indício do que foi considerada, por alto, a análise no início do século XX: um mecanismo de acesso ao inconsciente através da fala. Inconsciente este que, envolvido na linguagem, tem dimensões do eu e do Outro, e que justamente por isso requer a fala para indicar o lugar do sujeito na busca de verdade.

1.2 A MATERIALIDADE ABSTRATA

Partamos da seguinte afirmação: a fala é o que se situa entre o eu e o outro. É por meio dela que dotamos de significado o mundo e a natureza. É no seu dinamismo que fala e linguagem são constituídas e recriadas como forças vivas dentro do sujeito. Logo, a percepção da materialidade linguística resulta na sua correlação com o objeto, que é a materialidade da letra.

Interpretar a letra, a materialidade linguística, envolve o exercício de ouvir o que se diz, para lançar-se à fugaz tentativa de contextualizar e recuperar o que pode estar prestes a ser ou já ter sido esquecido, esvaziado, perdido.

Encontramos, assim, um paradoxo. A materialidade da letra é de certo modo abstrata, insubstancial, pois a tríade letra-objeto-sujeito constitui o inconsciente propriamente dito. Então como pode, assim, um sujeito falante dar conta dessa materialidade, e qual o domínio real que ele tem sobre ela (e sobre o real)? Para a psicanálise, pouco ou quase nenhum.

Desta forma, essa materialidade abstrata precisa ser entendida, aqui, como o que postulou Lacan ao estabelecer seu famoso algoritmo:

$$\frac{S}{s}$$

Nesse algoritmo, S refere-se ao significante (imagem acústica) acima da barra indica sua primazia sobre o significado s (o conceito), abaixo dela, indicando que na fala o sujeito enuncia cadeias de significantes para além de sua própria compreensão. Isso significa que esses significantes só fazem sentido, ou seja, o significado só é atingido por meio de ações imprevisíveis do inconsciente como os sonhos, chistes, sintomas e atos falhos.

Sempre se diz mais ou menos do que se quer dizer. Você pode fazer alguma coisa com isso ou não. Para além da interpretação temos a hipótese da transferência. Nela, supomos que o inconsciente escreve (letra). As coisas seguem seu curso e eu volto a "repetir", por exemplo, a minha rivalidade com minha esposa. Isso passa, mas se repete e queda na rivalidade com meus colegas de trabalho. Isso angustia.

O analista está dormente. Não lê, ou é analfabeto, pois também está inscrito na lógica dos prestígios. Pode ter acreditado que supunha um saber. Isso passa, mas não é passe. Não há leitura. Não há sentido, direção, traçado, construção. O analista não dá valor ao material. O tradutor às vezes também não. Não é sério. Não é uma "série". Há mais aí que meros significantes e significados.

Tratemos, para substanciar ainda mais essa noção de materialidade abstrata, de três conceitos em análise, mesmo que de maneira sucinta: identificação, estágio de espelho, e metáfora.

A identificação (*Identifizierung*) só foi teorizada por Freud a partir de *A interpretação dos sonhos*, deixando de significar apenas um desejo recalcado de ser ou agir como alguém e passando a ser entendida em três modalidades: uma predominantemente histórica, como expressão de uma comunhão sexual entre dois indivíduos; uma regressiva, em que um indivíduo “imita” um sintoma ou traço único (*einzigster Zug*) da pessoa amada; e uma terceira, efetuada na ausência de qualquer investimento sexual, comandada pelo vínculo entre o sujeito e a coletividade, em que ele (o sujeito) tem a capacidade ou a vontade de se colocar em situação idêntica à do outro coletivo.

Assim, independente da modalidade segundo a qual um sujeito se identifica com o outro, haverá, em alguma fase da vida, identificação, pois estamos inseridos, irrefutavelmente, em ambientes, instituições, situações e experiências coletivas. Milner (2012) verbaliza o primeiro som, a primeira letra dessa ideia ao afirmar que o campo freudiano é coextensivo ao campo da palavra.

Uma das implicações dessa afirmação é a de que a língua se constitui como um real ao ser apreendida pelo sujeito, isto é, ela existe antes dele e, apesar da arbitrariedade do signo, instaura um ponto de emissão e outro de recepção, efetuando o conceito de comunicação. Goldgrub (2008) ecoou tal pensamento ao acentuar a anterioridade da linguagem retomando a ideia de Lacan de que *o sujeito é um efeito da linguagem*, quase um empirista linguístico, ou por que não: um sujeito-linguagem-empírico.

Ora, aqui encontramos uma relevante intersecção com a linguística Saussuriana, já que a língua é definida como social em sua essência e independente do indivíduo e a fala como parte concreta da linguagem produzida pelo falante e articulada com a ajuda do instrumento criado e fornecido pela coletividade (SAUSSURE, 1978). Um propício afivelamento para essa primeira aproximação é o estágio de espelho lacaniano.

Usada por Jacques Lacan primeiro em 1936, essa expressão designa um momento psíquico e ontológico do desenvolvimento do ser humano entre os seis e dezoito primeiros meses de vida, quando a criança é capaz de associar sua imagem corporal através de uma identificação com seu semelhante e a percepção de sua própria imagem no espelho. Em outras palavras, o estágio do espelho tem como uma de suas

funções a formação do Eu (*Je*). Embora para Lacan o mundo especular onde se exprime a identidade primordial do eu seja desprovido de alteridade, é pela alteridade e na alteridade que se reconhece o outro.

Corroborando essa ideia, imaginemos o recém-nascido como um indivíduo que (quase) nada tem a dizer, e suas primeiras tentativas de traduzir o mundo esbarram na lalação ou, segundo Lacan, na *lalangue* (*alíngua*). Ele [o indivíduo] traz consigo, portanto, a marca significante vinda do Outro, e suas manifestações linguísticas provém desse significante mestre, ente representante da alteridade (LONGO, 2006).

Ainda que tanto para Saussure quanto para Lacan a fala seja material e individual, e a linguagem independa dos indivíduos, a teoria saussuriana do signo e a teoria lacaniana da significação têm algumas diferenças. Uma delas é a de que a formulação original do signo de Saussure não prevê qualquer primordialidade do significante em relação ao significado, enquanto que Lacan, em *A instância da letra* (1957), defende uma primazia do significante perante o significado, visto que se separa dele por uma barreira resistente à significação.

Outra diferença importante a ser ressaltada ao se comparar as duas teorias é a importância da fala para Lacan, já que na experiência psicanalítica a língua só se realiza sob a forma de fala, vista como elemento primordial viabilizador das interações entre analista e analisante.

Estendendo essa perspectiva relacional, analisemos o conceito de condensação (*Verdichtung*) de Freud. Retomada por Lacan sob o nome de metáfora e no status de lei, a palavra designa um dos principais mecanismos de funcionamento do inconsciente. É através da condensação/metáfora que se efetua a fusão de ideias do pensamento inconsciente, vertendo-as numa única imagem no conteúdo manifesto, consciente.

Dita de outro modo, a metáfora estabelece a substituição simbólica de um significante por outro, permitindo que um novo sentido seja atribuído a um signo cujo significado original era outro, fosse ele uma palavra primitiva de sentido antitético ou uma frase inteira, um gesto, lapso ou ato-falho.

Ao concebermos, então, que a no carrossel da linguagem deslizam a todo tempo processos de metaforização, admitimos que o a internalização da língua ao longo da infância desemboca na constituição e desenvolvimento da linguagem e da própria identidade do sujeito enquanto criança, prolongando-se até o fim da vida. A metáfora não está fora, mas dentro do eu. Resta a mim acessá-la e simbolizá-la.

Retomando as três proposições lacanianas mencionadas anteriormente, destacamos da linguagem a intersubjetividade. Se, numa perspectiva dialogal, enunciador e enunciatário participam alternada e dialogicamente na construção do discurso, tais posições não são intrínsecas ao eu ou ao outro, exclusivamente.

Ao contrário, o terceiro postulado nos convoca a conceber *l'Autre* [o Outro] como uma espécie de alteridade radical que define o sujeito tanto intra quanto intersubjetivamente em sua relação com o desejo. Isto nada mais é que reafirmar que, num estado de língua, tudo se baseia em relações.

Um exemplo dessas relações está em Longo (2006), que retoma essa ordem “ternária” das línguas explicando o “logro estrutural” da linguagem humana, explicado paradoxalmente pela falta. O sujeito cria a linguagem porque ela lhe falta, e só o “eu” não basta ao sujeito. Daí a existência das três pessoas do discurso (eu, tu, ele) e de necessitarmos sempre deste outro para simbolizarmos o real.

Outro exemplo é Lacan, que nos explica em seus seminários sobre as dimensões subjetivas onde esse logro estrutural se manifesta, aumenta, propaga e dissemina, num enxame de relações possíveis entre a linguagem e o inconsciente.

Diferentemente do outro, que alude a uma alteridade proveniente da relação do sujeito com seu semelhante, o Outro é um lugar simbólico, que pode ser um significante, a lei, o nome, Deus, a linguagem ou o próprio inconsciente. Uma criança e um policial representam bem essa diferença. Para a criança, o policial é um sujeito outro no sentido de se apresentar como uma pessoa diferente dela, enquanto também é o Outro, a autoridade, a lei, a ordem, a justiça ou a segurança.

Ao se explicitar essa distinção, entendemos que a análise é também uma via de acesso à verdade: como o inconsciente segue as leis da linguagem, nossa condição subjetiva é a de submissão ao significante, a de servos da linguagem, e que, enquanto sujeitos do inconsciente, ao falar, também desejamos fazer sentido.

1.3 A CLÍNICA DO REAL E DO SABER

Ao receber seus pacientes, Freud não tardava em perceber seus sintomas. De dores de cabeça, desmaios e tiques a insônia, atitudes passionais e alucinação, durante o

período chamado pré-psicanalítico o tratamento foi norteado por uma espécie de *mise-en-scène* do sintoma.

Mais tarde, superada a hipótese do caráter imaginário do sintoma, seu sentido foi associado às metáforas, provenientes de desejos sexuais inconscientes e proibidos. Restava, todavia, um problema: o tratamento provocava sempre um deslocamento do sintoma. Deu-se início então ao método de associação livre em substituição à catarse e à hipnose, inaugurando a psicanálise propriamente dita (ALBERTI e ELIA, 2000).

Segundo a regra fundamental da psicanálise definida por Roudinesco e Plon (1997), na associação livre (ou livre associação) o paciente deve esforçar-se por dizer tudo que lhe vier à cabeça, mesmo sentindo-se tentado a omitir. Esse sujeito atravessado pelo significante, ao resgatar seu passado e atar nós com o presente, forma uma cadeia de lembranças que se materializa na fala.

Os significantes deslizam, ligando-se entre si, com ou sem sentido, revelando o que Lacan futuramente chamaria de “real do sintoma”, retomando as conclusões de Freud e redefinindo o sintoma como metáfora.

Conforme avança o ensino de Lacan depois de 1960 em seus relatórios e seminários, observamos a ênfase de três dimensões do sintoma: uma como mensagem, visto que se constitui no campo do Outro; outra, como metáfora, dada a substituição do significante; e uma terceira, como gozo, ressaltando o componente da pulsão. As duas primeiras dimensões evidenciam o caráter do que se pode denominar “saber analítico”.

Diversas são as considerações e proposições que se poderiam fazer em torno dos aspectos didáticos, éticos, morais e subjetivos envolvidos na decisão em se tornar analista. A saber, a autorização de si mesmo, os anos de análise, as motivações pessoais, o trabalho do analista, as instituições, a supervisão, as opções teórico-técnicas e tantas outras questões não caberiam no escopo deste trabalho, mas atendo-me especialmente à temática do saber.

Admitamos por um momento que o saber, em psicanálise, é uma construção. De um lado, o analista, conhecedor de um aparato teórico complexo, mas incompleto. Do outro, o paciente, incomodado com e pelo seu sintoma ou, nos seus próprios termos, ansioso por resolver seus conflitos interiores os quais mal consegue nomear.

Por mais que o caráter didático evocado por essa analogia pressuponha o estabelecimento de uma relação análoga àquela entre professor e aluno, o que se põe em jogo aqui é não é o ensino, mas a aprendizagem. Estamos falando de subjetividades

inacabadas, passíveis de mudança, na medida em que ambas as partes aprendem sobre *si*, sobre o *outro*, *consigo* mesmas e *com* o outro. Trata-se do saber analítico como uma face do diálogo que se forma e firma entre analista e analisante e destes consigo próprios.

Nessa perspectiva, o diálogo deve ser visto não como um produto da linguagem, mas como um edifício mediado por ela. Eis algumas visões que reforçam essa acepção.

A primeira, de Manonni (1989), toma o processo analítico como um campo experimental para que o analista descubra seu próprio estilo de análise. Ao mesmo tempo em que contraria os cinco anos de análise pregressos à prática analítica preconizados por Freud, esse pensamento encontra suporte nas palavras do pai da psicanálise, quando ele diz que cabe ao analista construir, em benefício do paciente, uma parte do seu passado perdido (1937).

Lacan validou esse argumento ao advogar que a condução do processo analítico se pautasse na relação de efeito recíproco da ordem inconsciente entre analista e analisante, insistindo que o final de análise repousa no limite do saber, ou seja, no *savoir-faire*, e não seu acréscimo.

Se o exercício de fazer é capaz de produzir um saber, o “saber-fazer” é uma subjetividade que pode ser do analisante ou do analista. Ao primeiro cabe aprender a lidar com seu sintoma, enquanto que ao segundo o seu manejo através da linguagem. Apreendemos melhor essa ideia no livro Seminário 17, através da seguinte fala de Lacan: “*La articulación significativa que está en El origen de todo saber, aunque de entrada solo pueda ser abordado como saber-hacer (savoir-faire)*”⁵ (1969, p.70).

A segunda visão é de Jacques Lacan, presente em seu Seminário 20. Lacan é categórico ao afirmar que, pré-discursivamente, não há realidade qualquer. Isto quer dizer que, por exemplo, se uma paciente se queixa verbalizando que descobriu ser “uma péssima esposa e mãe”, isto não instaura verdade alguma. O inconsciente, na condição de saber não-sabido, nos força a ler essa cadeia de significantes de uma maneira outra do que ela supostamente significaria. Daí a noção de que escutar e interpretar o paciente não age sobre o conteúdo patogênico nem o explica.

Decorre disso a terceira noção: a do analista como um *semblant*. Miranda (1997) denota o semblante como uma espécie de simulacro, um lugar ou objeto aparente. Nessa

⁵“a articulação significativa que está na origem de todo saber, embora primeiramente só possa ser abordado como saber-fazer” (tradução minha).

linha de raciocínio, o ato analítico pode ser visto como um *canvas* onde o sujeito analista é pintado, na transferência, como suposto saber, conforme explica Lacan:

“o sujeito, por meio da transferência, é suposto ao saber pelo qual ele consistecomo sujeito do inconsciente e é isso que é transferido ao analista, ou seja,esse saber dado que não pensa, nem calcula, nem julga, não deixando porisso de produzir efeito de trabalho.” (LACAN, 1974/1993, p.53-54).

Em *Escritos*, Lacan fortalece essa ideia e deixa claro que, mesmo inconscientemente, o analisante transfere ao analista esse suposto saber no início de análise no desejo por ser ouvido e fazer sentido:

“o psicanalista, por não desvincular a experiência da linguagem da situação que ela implica, a do interlocutor, toca no fato simples de que a linguagem, antes de significar alguma coisa, significa para alguém. Pelo simples fato de estar presente e escutar, esse homem que fala dirige-se a ele, e, já que ele impõe a seu discurso não querer dizer nada, resta o que esse homem quer lhe dizer” (LACAN, 1966/1998, p.83).

Ora, tudo que se constrói ou ergue é construído num determinado lugar. Por isso, entendemos que o ato analítico é lugar de construção – e, portanto, de saber –, cuja matéria-prima é a linguagem em quatro dimensões: fala, escuta, escrita e leitura. Não obstante, pondero: escrita e leitura, aqui, não são atos pelos quais o analista se investe ou reveste de um saber suposto, textual, lógico e topológico.

Isto posto, encontramos uma segunda noção daquilo que trata a análise: a matéria-prima, produto necessário para a construção de um saber que é tanto um saber-fazer quanto um saber sobre si e sobre o outro, compartilhado, infindo; um devirque só se dá por meio da análise, na busca por desvendar o real no simbólico.

Berman aponta exatamente para isso em *A tradução e a letra*, afirmando contundentemente que “(...) a abordagem psicanalítica da tradução deve ser tarefa dos próprios analistas, desde que façam da experiência de tradução uma dimensão essencial da própria psicanálise” (2012, p. 64).

O argumento bermaniano para a implacável deformação da letra é o que ele chama de analítica da tradução, segundo a qual o sujeito-ser tradutor, ainda que o queira, não consegue se desvencilhar do seu desejo de traduzir, como se fosse a tradução fosse, para Freud, um objeto pulsional, e para Lacan, o *objeto a* do tradutor. Isso por si só já desviaria a tradução do seu “verdadeiro objetivo” (idem, p.63).

Embora não explicita que objetivo seria esse, Berman deixa claro que ele é triplo: ético, poético e filosófico, e não deve apenas comunicar, em se propondo a servir ao leitor, mas revelar e manifestar o estrangeiro – acrescento: o estranho, o Outro – e que guarde uma relação com a verdade.

Evidentemente, pelo exposto até aqui, podemos validar o argumento de que a psicanálise é um método terapêutico, o qual se serve da dimensão inconsciente do sujeito para situá-lo na verdade. Entretanto, devemos atentar ainda para dois aspectos de análise que recuperam o real sentido em discuti-la no campo deste trabalho.

O primeiro é a distinção entre a análise terapêutica e didática, já esboçada anteriormente. No âmbito terapêutico, Freud sinalizou que as quatro condições para a análise seriam o tratamento de ensaio, o uso do divã, a questão do tempo e a questão do dinheiro, cuja regra única era a associação livre. Isso fez com que Freud construísse a análise como *talking cure*.

Enquanto essa noção de cura pela fala, ou do tratamento da palavra, se associa, por um lado, ao paciente sujeito analisante, do outro somos confrontados com o desejo do analista, que invariavelmente foge às várias regras impostas pela institucionalização do dispositivo analítico pela International Psychoanalytical Association (IPA).

Não há como questionar ou levantar hipóteses acerca do desejo de cada analista, mas o aspecto didático, para Lacan, é inerente à análise, visto que toda análise, quando levada ao seu término, transmite um saber e forma um analista, tal qual aponta Quinet (2009, p.81)

“(…) o próprio processo analítico pode conduzir o sujeito a um ponto em que de analisante ele vira analista, deixando supor que a ultrapassagem desse “momento de passe”, correspondente ao final da análise, é a condição do ato de tornar-se analista. O ato psicanalítico por excelência é aquele em que o analisante passa a analista. Disto se deduz que só é possível encontrar-se o ato analítico no início da análise de cada paciente, caso ele tenha se realizado para aquele analista no final de sua própria análise.”

E Lacan (1972):

“La formalización matemática es nuestra meta, nuestro ideal. ¿Por qué? porque sólo ella es matema, es decir, transmisible íntegramente. La formalización matemática es escritura, pero no subsiste si no empleo para presentarla la lengua que uso.”

O ato psicanalítico é aquele em que o analisante passa a analista. A passagem, aqui, emite a noção embutida de um saber. Concluimos, então, um saber didático? Não.

Trata-se muito mais de um saber advindo da prática e da experiência. Um saber na forma de estrutura, de discurso, mas cujo status o transforma em conhecimento e não dá matéria a uma pedagogia.

Nas palavras de Miller (2003), é um saber-verdade, incoerente, imprevisto, em oposição ao saber-conhecimento, fútil e arbitrário e ao saber-episteme, socrático, dotado de coerência formal e transmissível.

“Por isso é que a psicanálise como ciência há de ser estruturalista, a ponto de reconhecer na ciência uma recusa do sujeito.”, diz Lacan em *Outros Escritos* (2003, p.218). É a experiência analítica que absorve a formação analítica, e não o contrário. Tecemos, então, que o saber não está no saber, mas na experiência, e que esta, por sua vez, em vez de verificar o saber, o abala e o desconcerta. Essa anulação do saber é que permite a surpresa, o aleatório e o imprevisível do real. (LACAN, 1973).

Em *Escritos*, verificamos outro enunciado de Lacan que desponta e defende o objetivo da formação analítica de extrapolar a transmissão de saber e comportar uma mutação subjetiva: “Mesmo que um saber desse tipo resuma os dados da experiência analítica, seja qual for a dose de saber assim transmitida, ela não tem para o analista nenhum valor formativo (1998, p.359).

O objetivo central, para Lacan, em análise, é cingir a mutação subjetiva operada e inscrevê-la num aparelho de transmissão, cujo pivô é o testemunho que relata uma experiência aceita cujo valor foi apreciado por uma comunidade.

Esse aparelho é disjuncto de qualquer exame de saber adquirido nas formas universitárias e supervisoras, e objetiva a produção de um relato da experiência de tradução, uma *hystoria*, o *passe*.

A passagem, o passo decisivo, gera o relato, *passe*. Sem ser obrigatório, o dispositivo de passe inventado por Lacan surge para dar contrapeso institucional ao aforisma lacaniano de que um analista que só se autoriza por si mesmo, balizando-o na ideia de um analista que se autoriza por intermédio do analisante que ele foi e pela decisão de posicionar-se e autodeclarar analista.

Tendo sido apresentado na *Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola*, mesmo livre de obrigatoriedade, o dispositivo de passe é um resgate do próprio ato psicanalítico, explicado em *Outros Escritos* por Lacan pelo seguinte argumento ternário: 1) o ato representa uma dimensão da linguagem; 2) o ato é promotor de ultrapassamento, provocando uma mudança radical no sujeito; 3) o ato é acéfalo, pois o sujeito não é agente do seu ato, mas sim agido.

Se Berman (2012, p.56) diz que a tradução só consegue ser “definida” por metáforas, entendo e estendo aqui que também a psicanálise e o sujeito passante estão nessa condição. Não obstante, questiono: o que isso tem a ver com o tradutor de um *passe*? Ora, a resposta já fora dada por Berman: é necessário fazer da experiência de tradução uma dimensão da psicanálise.

Foi exatamente numa imprevista oportunidade que recebi o convite de um médico psiquiatra e psicanalista para escrever a versão em inglês de um *passe* cuja escrita original se deu em português. O que se propôs é o que narro no próximo capítulo, ao discorrer sobre duas visões acerca de experiência: a da leitura e a da tradução.

CAPÍTULO 2: A EXPERIÊNCIA DE LEITURA E A EXPERIÊNCIA DE TRADUÇÃO

“Se o inconsciente pode ser objeto de uma leitura com que se esclareceram tantos temas míticos, poéticos, religiosos e ideológicos, não é porque introduza em sua gênese o elo intermediário de uma espécie de significatividade da natureza no homem, ou de uma *signatura rerum* mais universal, que estivesse no princípio de seu possível ressurgimento em qualquer indivíduo. O sintoma psicanalisável, seja ele normal ou patológico, distingue-se não apenas do índice diagnóstico, mas de qualquer forma apreensível de pura expressividade, por se sustentar numa estrutura que é idêntica à estrutura da linguagem.”

Lacan, *Escritos*, 1998, A psicanálise e seu ensino, p.445.

2.1 MAS QUE LEITURA?

A elaboração quase incompreensível que Lacan faz a respeito do sintoma e do inconsciente em termos de leitura pode ser simplificada na noção que Freud evoca da interpretação e do princípio da significância do sonho. É a noção de que as imagens de um sonho só podem ser retidas por seu valor de significante. Tal afirmação evidencia a estrutura de linguagem que possibilita operarmos a leitura sobre o sonho e, portanto, acessar o inconsciente através do sintoma.

Entendamos “sintoma”, aqui, não no sentido comumente atribuído pela psiquiatria de um comportamento objetivado, uma inibição ou angústia, mas no sentido psicanalítico, em que o sintoma é uma manifestação de um conflito psíquico que só existe numa dimensão relacional e criacional do sujeito, pelo menos em três âmbitos.

No primeiro, o sintoma guarda uma relação com a linguagem de duplo sentido, estando assim condicionado à relação entre um significante e outro. “Cara” e “pau”, por exemplo, são termos cujos sentidos são múltiplos e distintos. “Cara de pau”, por sua

vez, terá certamente sentidos diferentes, restritos e resultantes do aspecto relacional e ordinário desses significantes, ao passo que “pau de cara” não alude a sentido algum que seja minimamente análogo.

No segundo, o sintoma pode ser acessado e atualizado pelo paciente através da fala e do mecanismo de transferência analítica. Desta forma, um analisante que demonstrasse alguma resistência, aversão ou medo ao ouvir ou dizer “cara de pau”, em algum momento, inadvertidamente, revelaria ali o sintoma estruturado, isto é, a metáfora contida nessa expressão que remete ao sentimento negativo evocado por ela.

No terceiro, a historicidade em torno da expressão “cara de pau”, para esse paciente, atrelada a algum evento marcante na sua vida e instaurador do sofrimento ou perturbação consequente, forçaria o indivíduo a criar uma espécie de obra de arte, uma religião própria, capaz de amortecer a dor encapsulada nesses significantes em correlação. Esses âmbitos correlacionais entre sujeito e sintoma reforçam o que devemos entender como leitura neste capítulo.

Mais que uma atividade-fim de decodificação de sentidos. Mais que uma repetição mental ou em voz alta ou um exercício linguístico fonológico. Leitura, projeção de estrutura.

A declaração é fatalmente cacofônica, mas pode ombrear-se com as ideias de Steiner de que toda leitura é uma tradução e a de Heidegger sobre experiência, conforme nos lembra Berman em *A tradução e a Letra* (2012, p.23): “Fazer uma experiência com o que quer que seja (...) quer dizer: deixá-lo vir sobre nós, que nos atinja, que caia sobre nós, nos derrube e nos torne outro.”

Reafirmando a ideia de experiência como uma construção, e não como algo já vivido, podemos concebê-la como uma superfície de registro e inscrição do pensamento, isto é, como resultante do pensamento que insiste e promove o encontro de corpos.

De um lado, o corpo do texto, manifesto, de superfície material, posto à “simples leitura” (idem, p.79), e também sua profundidade abstrata, o subtexto, convidativo à constituição de significâncias outras, tal qual afirma Berman. Do outro, o corpo do tradutor enquanto leitor, que bebe do antídoto deleuzeano e “jamais interpreta, experimenta.”⁶

⁶ Gilles Deleuze, em *Conversações* (1992, p.109), critica a ideia de superfície em oposição a profundidade, e sugere que o oculto só se revela mediante uma interpretação que transponha as barreiras superficiais de inscrição daquilo que se pretendeu ocultar em primeiro lugar.

Sim, o jogo de palavras é intencional aqui. “Experimental” deve ser lido também como “experienciar”, até porque a tradução toca a área da leitura horizontal e verticalmente: na superfície e na profundidade. Nessa lógica, a leitura que um tradutor faz de um texto ou obra é uma forma de experienciar três de suas dimensões: a diferença e o parentesco das línguas; sua traduzibilidade e intraduzibilidade; e a própria tradução, na medida em que resulta na reinscrição da letra ou restituição do sentido.

Em *A tarefa-renúncia do tradutor* (2008, p.66), tradução de Susana Kampff do texto original de Walter Benjamin, *Die Aufgabedes Übersetzers*, o autor aponta para uma questão que coaduna a experiência leitora e a experiência tradutora. Se uma obra original não é escrita levando-se em consideração o leitor como seu receptor ideal, como poderia ser a tradução pensada de tal modo?

Não poderia. E se Benjamin deixa claro que a tradução é uma forma, Berman ecoa esse pensamento, assegurando que a tradução é a manifestação da origem do original, como acentuação sóbria (2012, p.124). Pois bem. A manifestação da origem do original pode muito bem, a contento, ser compreendida como uma projeção da estrutura do texto-fonte. É, neste caso, sua leitura. Traduzir é, então, ler. E se ler é experienciar, traduzir também o é.

2.2 TRADUÇÃO-VERSÃO?

De maneira elementar, já sabemos que a tradução é tarefa antiga, e que o mundo de hoje impõe um ritmo intercambial de informações que além de frenético nos faz reconhecer impensável a vida sem a tradução. Assim, traduzir inevitavelmente pressupõe o contato entre línguas e destas com nós, leitores, e também com tradutores.

A introdução de *The Age of Revolutions* (1962, p.1), de Eric Hobsbawm, traz uma afirmação que estampa bem essa transformação rápida, fundamental e qualitativa bastante útil aqui: “Words are witnesses which often speak louder than documents.”

Com isto, Hobsbawm chamava a atenção para o surgimento de termos que até então eram inconcebíveis no francês e no inglês (*bourgeois* e *proletariat*, por exemplo) ao mesmo tempo em que no contexto franco-britânico germinavam e proliferavam novas e numerosas palavras para outras línguas que, “sozinhas”, já não mais davam

conta do ritmo imposto pelo avanço das revoluções entre 1789 e 1849 cujos ideais, mesmo eclodindo localmente, por certo reverberaram mundo afora.

Um exemplo marcante dessa propagação no contexto da psicanálise é o que nos conta Roudinesco (1997, p. 587). Jacques Lacan teria escutado de Carl Jung o relato de que, na chegada a Nova Iorque, Freud o teria dito algo como “Eles não sabem que lhes estamos trazendo a peste” (LACAN, 1957, p. 404) De fato, a expansão da teoria freudiana no novo mundo visava ampliar sua teoria, mas devemuito à tarefa tradutória empreendida (e até hoje incompleta) sobre suas obras.

A metáfora da peste é bem oportuna ao considerarmos a infinidade de vezes em que se mencionam, nas teorias da tradução, palavras como “transmissão”, “disseminação” e “contaminação”. Não me atarei ao que isso implica em termos de fidelidade e equivalência, mas chamo a atenção de um aspecto interessante encontrado nas palavras de Berman em *A prova do estrangeiro* (2002) e *A tradução e a letra* (2012).

Considerado um dos mais relevantes teóricos da tradução na França do século XX, Berman repete frequentemente a palavra “transmissão”, especificamente ao dizer que a tradução é: 1) uma transmissão de formas e significantes; 2) uma transmissão inaparente do sentido; 3) uma transmissão de conteúdos e 4) uma transmissão do saber.

Não titubeio em afirmar que a versão também se situa nessas quatro instâncias, pois qualquer que seja a passagem entre um sistema linguístico e outro, seja para traduzir o Outro no eu ou levar o eu ao Outro, o fluido corrente é, em sua essência, língua e linguagem.

No primeiro capítulo de *Linguagem, Tradução, Literatura* (2015), de Walter Benjamin, o autor traça alguns paralelos entre filosofia e sociologia da linguagem, alegando, logo de início, que “todas as manifestações da vida do espírito no ser humano podem ser entendidas como uma forma de linguagem [...]” (p.9). Por todo este capítulo, Benjamin insistirá em dizer que, de maneira geral, a comunicação de conteúdos ditos espirituais é linguagem, atentando para a ideia de qualquer coisa que seja, só o *é* e expressa seu *ser* por meio da esfera linguística, ou seja, a *essência da expressão propriamente dita é linguagem*.

Convém, então, nos atermos a uma visão conceitual de tradução baseada não nos discursos filosóficos de Derrida (1972)⁷ acerca da *différance* e Heidegger (1982)⁸ sobre

⁷Ver *A escritura e a diferença*, [1967] 1995.

⁸Ver *Sobre a essência da verdade*, [1943] 2000.

o elo entre linguagem e verdade e o entrelaçamento das atividades de traduzir e filosofar, mas sim no discurso psicanalítico do século XX, que se relaciona duplamente com a tradução. Primeiro por se ligar intimamente ao texto fundador de Freud, que aponta para destinos de tradução problemáticos, e segundo para a própria tradução do termo *Übertragung*: “transferência” ou “tradução”. Essa relação dupla é, por assim dizer, o elemento fundador da meditação em torno do sujeito, o inconsciente, a língua e a letra que motivará as comunidades psicanalíticas e seus afetos a, essencialmente, traduzir.

E o que podemos dizer sobre a experiência (*Erfahrung*), para Benjamin? Em primeiro lugar, devemos diferenciá-la da noção de vivência (*Erlebnis*). Para ele, a concepção de experiência foge do conceito limitado kantiano⁹ e se adensa muito mais para o rumo do conceito de modernidade, incluindo assim as ideias de memória, choque, esquecimento, tradição e transmissão, como podemos apreender em seu ensaio de 1918, *Sobre um programa de filosofia do futuro*.

Depois, em 1933, em *Experiência e pobreza*, entendemos a preocupação de Benjamin que critica a experiência individual, apequenada e mesquinha de sujeitos incapazes de se expressar e projetar coletivamente. Se observarmos o fato do individualismo antes de criticá-lo, explicamos a ideia de sujeitos individuais recorrerem à análise como forma exclusiva de lidar com o particular.

Também os tradutores têm esse traço essencial, quase autístico, narcísico, quando guardam com a tradução (enquanto atividade e enquanto criação) uma relação pessoal única, quase inexplicável, quase da ordem do sintoma, como se o sintoma do tradutor fosse traduzir.

Eis o nó intersubjetivo entre a experiência, a leitura e a tradução. Eis o mote tardio deste trabalho, pelo qual o analisante, leitor e tradutor de si mesmo, testemunhou num relato de experiência a sua passagem a analista, ao passo que eu, sujeito leitor passei a tradutor. Há nesta construção muitos elementos da ordem do simbólico, mas que retomarei no próximo capítulo, ao tratar diretamente da experiência, propriamente dita, de tradução do *passe*.

Tomemos aqui a intersubjetividade no terceiro sentido apontado por Braten (1998) em *Intersubjectivity communication and emotion in early ontogeny*, como compreensão da comunicação mediada por (meta) representações, permitindo a

⁹A noção de Kant sobre a experiência a considerava numa ordem baixa, inferior, relativa à visão de mundo integrada ao conhecimento, que é efêmera, já que o conhecimento só pode ser estabelecido temporal e historicamente.

realização de inferências sobre intenções, crenças e sentimentos alheios, além da capacidade de imaginar, simular e "ler" estados mentais de outros. Convém ressaltar, ou melhor, ressaltar aqui uma ligeira diferença: os estados mentais "lidos", no campo desse trabalho, por mais que sejam da ordem das dimensões do inconsciente, estão manifestos textualmente.

Ler os estados mentais de um sujeito outro na superfície de um texto se configura, antes de tudo, como um paradoxo triunfante. Nenhum estado mental se encaixa, inteira e integralmente, sobre qualquer superfície. Sim, desbanco a noção de escrita e fala como expressão do pensamento e recorro ao início de *A farmácia de Platão*, onde fica evidente que

“Um texto só é um texto se ele oculta ao primeiro olhar, ao primeiro encontro, a lei de sua composição e a regra de seu jogo. Um texto permanece, aliás, sempre imperceptível. A lei e a regra não se abrigam no inacessível de um segredo, simplesmente elas nunca se entregam, no presente, a nada que se possa nomear rigorosamente uma percepção.” (DERRIDA, 2005, p.7)

E retomo outro trecho: “Seria preciso, pois, num só gesto, mas desdobrado, ler e escrever (...) desde já a escritura, o phármakon, o descaminho (...), o rastro cortante, a decisão de cada leitura” (p.7).

Esses dois excertos epitomizam a filosofia derridiana, que tratará de desconstruir a tradição metafísica de pensamento e o discurso racional ao questionar as maneiras especulativas pelas quais se apreendem um objeto de conhecimento e o trabalho linguístico empreendido em tal processo.

Em que e por que, então, as considerações em torno do phármakon e a desconstrução leitora e escrita vêm a calhar neste momento?

O termo grego phármakon, mencionado e retomado diversas vezes em *A farmácia de Platão*, é de uma natureza plástica e polissêmica que permitiu, na obra de Derrida, traduções como “veneno”, “droga”, “filtro”, “remédio”, “medicina” e “descaminho”. Naquele contexto, o phármakon é a escritura apresentada por um vassalo ao rei, como obra submetida a sua apreciação.

Transportado para o contexto deste trabalho, é mediante sua(s) leitura(s) que o phármakon se transmite e dissemina. A “peste” trazida por Freud. A transmissão de formas e significantes de Berman. O objetivo de análise, para Lacan, que é transmitir a mutação do sujeito pelo *passe*. A experiência enquanto transmissão, para Benjamin. A

transmissão e organização de novos sentidos pelo sujeito, do familiar ao estrangeiro na versão, às quais tanto psicanálise quanto tradução se prestam, enquanto saberes *sui generis*.

Todas essas convergências do termo “transmissão” nos impulsionam a pensar sobre o modo pelo qual se dá essa transmissão. Não me refiro estritamente à leitura e à escrita, mas sim aos mecanismos subjacentes a elas: os modos de leitura e escrita que se configuram no tecer do pano e no plano do *passe*, cujo tecido é a o texto psicanalítico e cuja linha é a tradução.

E já que estamos falando de modos, planos e linguagem, antecipo: o *passe* se caracteriza como um produto linguístico transbordante de significâncias, que extrapolam o domínio puramente linguístico e revelam contornos poéticos cuja prosódia e ritmo multiplicam os modos pelos quais cada significante é “significado” pelo leitor. Como Lacan mesmo disse em *Escritos*, (1998), a significância é a operação do significante quando ele adquire o status de significado e passa a ter significação, através do sujeito.

A propósito, essas noções de ritmo e prosódia, inseridas na *Poética do Traduzir* (1999) de Meschonnic, conclamam a necessidade de reafirmar que o *passe*, por não ser um texto essencialmente científico, não será objeto de avaliação.

Isto implica não buscar uma verdade epistêmica a seu respeito, mas certamente buscar sentidos, ou melhor, sua significância: a produção de sentidos rítmicos, prosódicos e semânticos a partir do significante e para além do próprio signo, pois a poética nele contida é da ordem de um sujeito que inscreve (e em que se inscreve) cada significante linguístico e extralinguístico, para muito além do sentido lexical facilmente esgotável.

Darei continuidade a realçar as características do *passe* no próximo capítulo, mas me permitirei, previamente, descrever alguns percursos que levaram esse texto a ser objeto de tradução e conseqüentemente mote deste trabalho.

2.3 A ESCRITA DO EU

Como citei na introdução deste trabalho, a oportunidade de traduzir um *passe* veio para mim num momento em que eu mesmo me iniciava nos estudos da tradução e da psicanálise. Era setembro de 2012 quando, a convite de um psicanalista goianiense,

juntei-me à delegação local numa noite para participar de um debate sobre o filme *Melancolia*, de Lars Von Trier.

Na ocasião, fui apresentado a um médico psiquiatra que passava férias na cidade e que, antes do seu retorno a Viena, havia sido incumbido por uma paciente não sua, mas conhecida, de encontrar um tradutor que fizesse uma versão em inglês do seu *passe*, *Coup de foudre*.

Eu estava no meu último ano do curso de Letras na Universidade Federal de Goiás, e já demonstrava bom domínio da leitura e escrita da língua inglesa, fato que se corroborou no endosso de todos os professores que ministravam disciplinas na área de inglês e de tradução.

Entretanto, eu não possuía formação alguma em psicologia tampouco conhecia psicanálise, à exceção de algumas leituras na área dos dois semestres em que cursei Psicologia da Educação, uma disciplina obrigatória para aqueles que desejavam obter a licenciatura.

Aceitei o convite e a tarefa de traduzir o *passe* sem compromisso de receber pelo trabalho. No desafio, ocupei-me de um grande volume de leituras e iniciei análise na intenção de facilitar o empreendimento da tarefa tradutória. Decorridos dois meses, entreguei a versão.

Quase cinco anos depois, motivado pelos estudos em psicanálise que avançavam sincronicamente à análise e pelos estudos da tradução ensejados pelo início do mestrado, revisei o texto e decidi fazer outra tradução, para compor a dissertação.

A escrita, leitura e tradução de *Coup de foudre* foram, nesta segunda abordagem, uma experiência intuitiva e intencionalmente mais poética, na medida em que busquei dar forma e sentido à experiência individual de análise, originalmente da passante, mas também à experiência pessoal minha enquanto analisante e tradutor, no exercício de recaptura dos elementos textuais originais e de vinculação intersubjetiva.

O *phármakon*, inevitável, teve para mim, ao mesmo tempo, a função de veneno e de antídoto, autoadministrados no intuito de aprofundar-me numa escrita que se situasse no limiar entre o pacto autobiográfico e o pacto fantasmático, só que desta vez com marcas de tradução que revelassem mais a respeito da minha identidade tradutora, e também que carregassem a *letra* original para a versão em inglês.

Esses traços de escrita do “eu”, ao focalizarem uma história individual, não se mostram na capa de um livro ou superfície do texto, mas certamente muito afundo. É disso que tratei de explorar na reescrita da segunda versão de *Coup de foudre*, ao tentar

recuperar parte desse espaço biográfico de confluência de formas, articulação intertextual e interdiscursiva, ao mesmo tempo em que discorri sobre categorias as quais denominei *impasses* de tradução.

O trocadilho não foi premeditado, mas é uma amostra do paradigma que se desenhou durante o ato tradutório, típico das irremediáveis e recorrentes dificuldades de tradução do texto psicanalítico muito antes apontadas por Lacan, sobretudo em seu Seminário 12, e mesmo dos textos de Freud quando traduzidos inicialmente para o português.

Philippe Lejeune, crítico e teórico francês, aponta o pacto autobiográfico¹⁰ como uma forma pela qual o leitor identifica, no texto, o sujeito que narra, retrospectivamente e em prosa, parte da sua existência, história ou personalidade. Sem necessariamente ter sua identidade revelada, esse sujeito muito bem utilizar dimensões ficcionais para falar de si mesmo, mantendo um distanciamento do leitor, que por sua vez só recupera o sujeito através da leitura dos traços autobiográficos.

Essa característica instaura a ilusão dicotômica da realidade-ficção, mas que é facilmente superada se nos opusermos à ideia de uma escrita inventada. *Coup de foudre*, como qualquer outro *passe*, é oriundo de experiências pessoais vividas por sujeitos cognitivos inseridos em realidades sociais, culturais e históricas, e não no campo imaginário.

E se Lacan deixa claro que é impossível apreender o real absoluto de forma objetiva, isto é, precisamos sempre inscrevê-lo no simbólico, reconhecemos que toda realidade é uma construção intersubjetiva.

Isto inclui, pois, a realidade linguística que se apresenta no *passe*, tanto antes como depois de sua tradução. Seu objetivo central não é desvendá-lo. Até porque, como Seligmann-Silva aponta em *Globalização, Tradução e Memória* (1999), sempre persiste um “resto” (p. 159) – prefiro “rastro” – de intraduzível pertencente ao que Humboldt chamou “forma interna” da linguagem, mas justamente evidenciar, em outra língua, seus rastros mais peculiares e inerentes.

Cito novamente Meschonnic, para engrossar o caldo de peculiaridades do *passe* e, obviamente, de sua tradução: “É a sua representação sobre a linguagem que um tradutor projeta sobre o que deve ser traduzido, é sua representação da linguagem o que, em primeiro lugar, mostra toda a tradução” (2007, p.31).

¹⁰Ver *Le pacte autobiographique*, 1975, sobre a escrita autobiográfica.

Ao ser tocado pela experiência (*Erfahrung*), experimentei uma narrativa *récit*. Para Benjamin, ela difere da narrativa comum, que reconstitui os fatos muitas vezes com incoerência, distância ou romantização dos eventos. O *récit*, ao contrário, permite uma hystorização¹¹ da verdade, que no *passe* tem caráter de testemunho de verdade e consubstancia uma poética própria e lhe arranca o aspecto “mentiroso” da narratividade comum, incorporando acontecimentos puramente vividos ao contá-los.

Passemos, então, ao relato sobre a tarefa de traduzir *Coup de foudre* e as escolhas, comentários e *impasses* configurados no processo tradutório.

¹¹A grafia de “hystorização” com y foi utilizada por Lacan para se referir à construção feita pelo analisante no processo final de sua análise, no momento do *passe*, e alude à rememoração da história do sujeito reconstituídas através da fala, e fazendo emergir a verdade no real.

CAPÍTULO 3: O PASSE E OS IMPASSES DE TRADUÇÃO

Para estruturar este capítulo, optei por uma divisão em subtítulos indicativos das principais características do *passee*. Ao concebê-lo como um gênero textual autêntico, o qual conglomerava aspectos predominantemente relatuais e autobiográficos, descrevo categorias vocabulares, sintáticas e enunciativas, ao passo que, por comparação, evidencio suas implicações na sua tradução para o inglês ao realçar questões de tradução propriamente ditas.

Contrapondo os dois textos, oportunizo ao mesmo tempo o contraste linguístico e entre a escrita original em português e a versão traduzida em inglês, como também uma percepção da macroestrutura de gênero textual do *passee* e das microestruturas que se constituíram em *impasses* no exercício tradutório.

3.1 MAS QUE SUJEITO?

Na escrita autobiográfica, dentre os elementos narratológicos, talvez o mais prevalente seja o sujeito. E se a dimensão da escrita em que esse sujeito opera é, para nós, o seu próprio relato de “fim de análise” e “testemunho da verdade” – o *passee* –, concordamos que a sua presença no interior do enunciado é forte indício de que esse sujeito-narrador-passante imprime inevitavelmente sua subjetividade na linguagem. Nada novo aqui.

Benveniste é categórico nesse sentido, pois nos ensina que o fundamento da subjetividade está no exercício da língua, já que seu único testemunho objetivo é o fato de o eu enunciar-se (FIORIN, 1995).

Ao enunciar-se, o eu-sujeito-passante imprime discursivamente representações de pessoa, tempo e espaço através de mecanismos denominados *debreagem* e *embreagem*. Pelas *debreagens* o sujeito se disjunge de si mesmo, do espaço e do tempo

da enunciação, projetando nos enunciados um *não eu, não aqui e não agora* ou *ele, algures e então*. Pelas embreagens, o efeito é contrário, isto é, retorna-se à enunciação. Esses movimentos são alternados e contínuos dentro do texto, ora explicitando a subjetividade ou deixando-a implícita.

Isso fica evidente ao notarmos a manifestação dêitica recorrente ao longo de todo o texto, cujas formas verbais alternam entre o presente, o pretérito imperfeito e o futuro do modo indicativo para sinalizar eventos anteriores ou posteriores ao momento da enunciação, marcando as embreagens e as debreagens espaciais.

Por sua vez, o uso de pronomes na primeira e na terceira pessoa do singular, de frases nominais em referência ao sujeito-locutor sinalizam a embreagem e debreagem actancial (de pessoa), enquanto o uso de pronomes demonstrativos e adjuntos adverbiais e adnominais deslocam o espaço realçam as embreagens e debreagens temporais.

Um efeito desse movimento interno do texto é a marca da subjetividade de um “eu” que, ao escrever sobre si, mas potencialmente para um outro “eu”, transporta-o, através da leitura, pela dêixis (do grego, *deîksis*, significando “mostrar”) ao momento e ao lugar da enunciação.

Na Tabela 1, realço as construções dêiticas típicas dos mecanismos de embreagem e debreagem como o que considero a principal marca linguística de subjetividade no *passe*.

Original	Tradução
Para mim , o português é a língua materna e o francês, a língua do Outro.	For me , Portuguese is my mother tongue and French is the language of the Other.
Durante os 20 anos em que transcorreu minha experiência analítica (...).	During the twenty years of analytic experience prior to the Pass (...).
Pergunto-me , inclusive, se, no meu caso, levar adiante a experiência da análise na língua do Outro não foi o que levou o sujeito do inconsciente a se mostrar mais suscetível ao encontro com os equívocos da língua.	I also wonder whether, in my case, carrying on with the analytic experience in the language of the Other was not what made the subject of the unconscious more susceptible to encountering the equivocations of language.
Ao chegar em Paris, onde iria morar por um período de quatro anos, experimento , num	When I got to Paris – where I would stay for four years – I experienced the radical erasure of my

primeiro momento, o apagamento radical do domínio fluente da língua inglesa, seguido da forte impressão de não saber falar francês.	fluency in English and I had to deal with the obscure impression of not being able to speak French.
Assim, vivendo maritalmente, em regime de concubinação, era identificada como “ <i>madame</i> ”, porém designada pelo sobrenome paterno.	So, cohabiting with my partner, I was referred to as Madame, but called by my father’s surname.
Ao mesmo tempo, percebe-se a manifestação de algo da ordem do impossível de dizer: a cólera frequenta a cena dos sonhos do sujeito .	At the same time there is the manifestation of something that is impossible to say: the subject’s dreams are frequently marked by anger.
A cólera e o ciúmes, que emergem no processo de análise, são considerados como efeito de desinibição em relação ao sintoma inicial. São afetos contraditos para a menina que quer ser uma menina modelo e almeja o bem dizer .	Anger and jealousy, which emerged in the process of analysis, are considered as an effect of disinhibition, in relation to the model daughter that aspires to bene dicere .
O que se destaca , desde então, é o olhar fascinado do pai pela filha , olhar que se faz acompanhar, geralmente, de um sorriso silencioso.	The father’s fascinated gaze upon his daughter – generally accompanied by a silent smile – is highlighted from that moment on.
A filha torna-se para o pai um objeto fascinante, um objeto fálico.	To her father she becomes a fascinating object, a phallic object.
Isso parece incompreensível para alguém que, por anos a fio, ao deixar a sessão de análise, se rendia a uma tortinha de morangos, a fim de recuperar o afeto perdido.	This fact seems incomprehensible for someone who always used to give in to the temptation of having a strawberry tart to recover the loss of affects after leaving each analytic session.
No mesmo dia , o corpo é invadido por uma dor que se manifesta em todas as articulações e deforma até o jeito de andar.	On the same day , a crippling pain afflicts all my joints , distorting my body’s movements as I walk .
Nessa área, havia uma horta e árvores frutíferas de todo tipo. Meus primos, irmãos e eu brincávamos nesse espaço durante o intervalo de três horas em que o clube fechava para o almoço. Eu passava perto do centro dessa área , sempre um pouco assombrada, porque sabia que fora naquele local meu avô paterno tinha interrompido sua vida com um tiro de fuzil . É da morte no centro do “Jardim de Éden” que advém o desejo do analista. Na procura de um saber, o sujeito se coloca, desde muito cedo , na função de um pesquisador incansável do que se	In this area there was a garden where many species of fruit trees grew . My cousins, siblings and I used to play in that area during the club’s lunch break. I remember walking in the middle of this area and being scared , because I knew this was where my paternal grandfather had killed himself with a rifle shot . The analyst’s desire appears from out of the death in the midst of this “Garden of Eden”. Seeking out knowledge, the subject had from an early age been a restless researcher of what lies beyond father and mother, and the limits of what can be said, in a

encontra, mais além do pai e da mãe, no limite do dizer, no desejo que enlaça o trauma da morte com o amor.	desire that ties the trauma of death to love.
Os sonhos vão colocar em cena um corpo esvaziado e coberto por véus – o semblante do falo – e osujeito bem posicionado em relação ao olhar, de forma a poder ver.	My dreams then showed mean empty body covered in veils – the semblant of the phallus – and the subject in a good angle relative to the eye, so as to be seen.

Tabela 1: Marcas dêíticas de subjetividade, embreagem e debreagem.

A dêixis por si só, ainda segundo Benveniste, imprime no texto a subjetividade, entendida como “capacidade do locutor para se propor como sujeito”, pois “É ‘ego’ quem diz ego” (1995, p.286 apud BAZZA & PASSETTI, 2009). Posicionar-se como sujeito implica também, no seio do ato analítico, assumir uma subjetividade outra, não de sujeito analisante, mas de *passante*.

Uma consequência desse “lugar incerto do sujeito” na tradução foi o primeiro *impasse* experimentado por mim ao traduzir o *passe*. Isto porque o tradutor também imprime a sua própria subjetividade no texto, quer seja pelos recursos essencialmente linguísticos (termos, estrutura sintática, frases longas ou curtas etc.) ou tradutórios (tais quais a exploração de sentidos através da ambiguidade, jogos de palavras, neutralização ou naturalização de termos, equivalência, domesticação ou estrangeirização, para não dizer o uso de linguagem especializada com um viés literário).

Devo salientar este último aspecto. Para não me privar de uma tradução que realmente atravessasse o texto-fonte, revelando-lhe mais que a superfície úmida, e para não aprisionar o leitor numa travessia seca regada apenas por significados, aproveitei o caráter metafórico empregado na escrita original para salientar o viés literário do *passe*.

Recriar construções metafóricas, nesse sentido, implicou ao mesmo tempo na investigação terminológica e lexical em português do universo próprio da psicanálise e sua transposição para estruturas do inglês que atendessem a essa “agenda literária”. Sendo mais econômica e objetiva, a língua inglesa impôs o segundo desafio, ou melhor, *impasse* na tradução: encontrar a harmonia entre literalidade e literariedade.

3.2 LITERALIDADE E LITERARIEDADE

Ao ler o texto original, deparei-me com estruturas frasais complexas e períodos compostos por subordinação repletos de orações adverbiais, frases preposicionadas e sintaxe alternada, pela qual se identificaram múltiplos sujeitos e predicados.

Percebendo que isto me faria incorrer em uma escrita truncada e confusa, optei primeiramente por uma abordagem, digamos, literal-criativa. Entretanto, as vias e desvios estabelecidos na vivência da analisante se manifestaram fortemente no texto, o que me requereu tentar preservar a partir de construções frasais ou oracionais ora curtas, ora longas.

À medida que avançava na leitura e na tradução, adotei estratégias que me levaram a separar períodos longos, inserir sujeitos e objetos sintáticos, omitir alguns termos e substituir outros por seus sinônimos mais formais, literários e culturais, conforme os exemplos mostrados na Tabela 2.

Original	Tradução	Aspecto/Impasse
Para mim, o português é a língua materna e o francês, a língua do Outro.	For me, Portuguese is my mother tongue and French is the language of the Other.	Literalidade
A dificuldade com a fala, que caracteriza o ponto de partida da análise, destaca, de preferência, a vertente da inibição presente no sintoma.	The difficulty to verbalize, which characterizes the departure point of analysis, readily emphasizes the inhibition present in the symptom.	Sinonímia/Omissão
Assim, vivendo maritalmente, em regime de concubinação, era identificada como “madame”, porém designada pelo sobrenome paterno.	So, cohabiting with my partner, I was referred to as <i>Madame</i> , but called by my father’s surname.	Omissão/Substituição/Grafia em maiúscula ou minúscula
Pode-se inferir que, nessa fábula, o grande Outro está encarnado na voz de três cabeças de ouro, que surgem no caminho de duas meninas e, muito exigentes,	In this fable, we can infer that the Other is represented by the voice of three heads made of gold, which appear to two girls. These very demanding heads	Sintaxe/Sinonímia/ Períodos compostos

decidem o destino delas.	Seal the girls' destiny.	
A segunda menina, filha caprichosa, mais ligada à mãe, recusa-se a prestar favores às três cabeças, que, então, lhe reservam uma vida difícil – literalmente, um caminho de espinhos, que lhe ferem a pele e tornam sua aparência pouco atraente – e, ainda, um hálito horrível, que a leva, ao falar, a lançar cobras e lagartos pela boca.	The second girl, capricious and closer to her mother, refuses to serve the three heads and they react by condemning her to a tough life : literally, a path of thorns that mar her skin making her less attractive, cursing her with a bad breath that makes her spit snakes and lizards.	Literalidade e Literariedade/Dêiticos

Tabela 2: Literalidade e literariedade.

Este exercício meticuloso me remeteu, sem equívoco, ao que Berman aponta repetidamente em *A tradução e a letra* sobre a tradução literal. Refutando o argumento antigo e já superado de que a literalidade é a tradução da letra-palavra, refiro-me à capacidade de transgredir o hipertextualismo, a tendência – para muitos irrefreável – à adaptação e à necessidade de superar o *sofrimento* de que padecem tradutor e tradução quando privados, respectivamente, de suas ferramentas literarizantes e da sua letra (2013, p. 54).

A letra, tanto para Berman quanto para Meschonnic, vai além da palavra. É forma, mas também é ritmo, é som e é duração. Lidar com essas questões na reescrita do *passee* em sua versão, e nisso inscrever-lhe novamente a *letra originalé*, assumida e antecipadamente, uma deformação.

Como bem ilustra um artigo de Helena Martins intitulado *Você o som, e eu o eco*, em menção à última frase de uma peça de Peter Handke, a tradução não se propõe a dizer de novo, mas *fazer de novo*:

“Um som, um eco; um autor, outro autor; uma peça, outra peça; um personagem, uma personagem; voz de homem, voz de mulher. Nesse escrito em tantos sentidos reverberante, encontro uma circunstância favorável para pensar o movimento da tradução. Um idioma, outro idioma: na sua versão alemã, a peça é já também reverberação de um “original” escrito pelo próprio

Handke em francês. Como Beckett, Handke se dispõe a habitar primeiro o idioma estrangeiro, para só depois retornar à língua materna, agora em melhores condições de estranhá-la, desabitua-la, desconjuntá-la.” (MORAIS, 2015).

Permito-me aqui voltar a Benjamin, em uma citação com teor semelhante:

“A tradução não se vê como a obra literária, mergulhada, por assim dizer, dentro da floresta da língua, mas fora desta, frente a esta, e sem penetrá-la, ela chama o original neste único lugar onde, a cada vez, o eco de sua própria língua pode reproduzir a ressonância de uma obra da língua estrangeira” (BERMAN, 2013).

Embora partam de lugares distintos, estas afirmações se aproximam no que se refere à força da tradução de fazer reverberar uma “letra original”, e nisto fazer ecoar uma letra que está frente a ela, neste lugar único, não a penetra, ofusca nem ofende, mas que ressoa *nela e com ela*.

Como duas cordas distintas de um violão que ressoam ao emitir frequências da mesma nota, assim são o *passe original* e o *passe traduzido*, que sem lhe roubar sua originalidade, emite a sua originalidade própria não por acaso, mas por trabalho do tradutor-escritor. A Tabela 3 mostra um excerto em que esse “eco de originalidade” parece tomar e dar forma à letra bermaniana.

O que se destaca, desde então, é o olhar fascinado do pai pela filha, olhar que se faz acompanhar, geralmente, de um sorriso silencioso. O “ser amada”, do lado do pai, desenha-se em função desse traço, que me convoca a ser a parceira dele, em diversas ocasiões, sobretudo quando ele se encontra só e se sente descontente, ou quando está ocupado pela satisfação oral. O sorriso é acolhedor, porém obscuro, e faz enigma, o que me leva a decifrar o sentido do valor particular da	The father’s fascinated gaze upon his daughter – generally accompanied by a silent smile – is highlighted from that moment on. “Being loved”, on the side of the father, is sketched out by this trace, and it invites me to be his partner on many occasions, especially when he is alone and disconsolate, or when he is occupied with oral satisfaction. This smile is welcoming, yet obscure and enigmatic – which leads me to decipher the particular value a girl has for him.
--	--

menina para ele. Esse valor assume proporções da equivalência <i>girl</i> = falo, tendo-se em vista as circunstâncias particulares da morte do próprio pai.	This value takes the proportions of the equivalence <i>girl=phallus</i> , in view of the particular circumstances of his father's death.
---	--

Tabela 3: O eco original e a letra.

Ao falar em originalidade, vem à tona a ideia de Grondin em sua consideração sobre um indicador de sucesso na tradução:

“Traduzir um texto é fazê-lo falar em outra língua. Claro que os recursos de nossa língua são então aplicados. O sentido estrangeiro só pode ser vertido para outra língua se formos capazes de entender. Ao transpor o sentido para outra língua, o texto traduzido vem a se fundir (no melhor dos casos) com aquele que acaba de traduzi-lo. Diante disso, uma tradução é tanto mais bem-sucedida quanto não se tem a sensação de estar lendo uma tradução.” (Grondin 2012, p. 74-75)

Por mais que essa seja apenas uma dentre tantas visões sobre a qualidade ou sucesso de uma tradução, um *impasse* definitivo na escrita em inglês foi apropriar-me do texto original e fazer ecoar sua própria originalidade. Para tanto, experimentei reiteradamente o uso variado de colocações (*collocations*), relações sinonímicas entre palavras de conteúdo (*content words*) como verbos, substantivos, adjetivos e advérbios, preservando seu vínculo com os termos específicos da terminologia psicanalítica, e obviamente a relação semântica original.

De fato, fazer a tradução soar, ressoar e ecoar o original ao transmitir literalidade nos limites dos termos psicanalíticos e literariedade nos limites da subjetividade e do traço autoral do tradutor foi tarefa difícil.

Recorri a leituras de diversos *passes* traduzidos do francês e do espanhol para o inglês para tentar captar, por assim dizer, uma “essência harmônica” (Tabela 4) que norteasse as minhas escolhas e me permitisse imprimir meus traços, tal qual a mão do oleiro deixa sobre o vaso de argila.

Original	Tradução
<p>E, independentemente das ocasiões em que me foi assinalado que eu me comunicava bem no idioma francês, a dificuldade para falar, que apontava para o incompreensível do amor do pai, instalou-se no meu corpo e manteve-se presente, na experiência analítica, sessão após sessão, durante toda a trajetória da análise.</p>	<p>Yet, despite the occasions on which I was praised for my good French, the difficulty to speak, which pointed to the incomprehensible dimension of love for the Father, settled in my body and endured session after session throughout the analysis.</p>
<p>Um equivoco da língua, que insiste em se apossar do nome do primeiro analista, acaba por destacar o significativo “cólera”, designador, ou nome, do gozo sem sentido das mulheres de minha família – notadamente minha mãe e avó paterna.</p>	<p>A language equivocation, which became insistent in pointing to the name of the first analyst, ended up detaching the signifier “anger”, which designates or names the meaningless jouissance of the women in my family, namely my mother’s and paternal grandmother’s.</p>
<p>Com efeito, minha mãe é a própria encarnação desse Outro mal, componente inerente à subjetividade de minha avó. Desde muito cedo, por conseguinte, não me passou despercebido o deslocamento do ódio que minha avó alimentava contra a nora, minha mãe, e era projetado sobre a neta de mesmo nome. A posição que se configura para o sujeito, nessas circunstâncias, é de ser uma tela em que o outro projeta um elemento de insuportável dele próprio, estranhamento</p>	<p>Indeed, my mother is the reincarnation of a malicious Other, an inherent component to the subjectivity of my grandmother. Thus, from an early age I noticed the shift in the hate my grandmother harbored against my mother, which was projected onto her granddaughter who bore the same name. The position configured to the subject under these circumstances is one of being a canvas onto which the other projects an unbearable element of himself, cause an</p>

perturbador que interfere na maneira como é visto.	uncanniness that interferes in the way the subject is seen.
Conclui-se, então, que as soluções do amor e da doação, bem como as identificações que destacavam habilidades das mulheres da família e, por isso, traziam certo reconhecimento ao sujeito, são impotentes para apaziguar o humor explosivo e desmedido das mulheres, em geral. Tendo como suporte o amor de transferência , o sujeito acredita em uma reconciliação com o Outro pela instalação do novo par mãe/filha, constituído com o analista. Essa via, no entanto, em vez de mobilizar o sintoma – ou seja, “ <i>ensinar a falar</i> ” –, acentua a exclusão característica da fantasia , cujos elementos já começavam a se esboçar.	We can conclude that the solutions of love and devotion, as well as the identifications that underlined the abilities of the women in the family – and therefore brought about a certain recognition for the subject – are powerless to ease the explosive mood of women in general. Finding support in transference love , the subject believes in reconciling with the Other by establishing a new mother/daughter pair, now constituted with the analyst. Instead of mobilizing the symptom – i.e. “teaching how to say it well” – this accentuates the exclusion that is typical of the fantasy , whose elements started to be outlined.
O desinvestimento escópico é correlato à inscrição do vazio no objeto olhar. No segundo , já do outro lado da ponte, olho para a vitrine de uma padaria e, nela, a pequena <i>tarte aux fraises</i> não mais me convida ao deleite, pois perdeu seu caráter irresistível . Isso parece incompreensível para alguém que, por anos a fio , ao deixar a sessão de análise, se rendia a uma tortinha de morangos, a fim de recuperar o afeto perdido. Depois desses dois acontecimentos, só posso	This scopic disinvestment is correlated to the inscription of emptiness in the object gaze. Later , on the other side of the bridge, looking through the window of a bakery, I realize that the little <i>tarte aux fraises</i> is no longer inviting or irresistible. This fact seems incomprehensible for someone who always used to give in to the temptation of having a strawberry tart to recover the loss of affects after leaving each analytic session. After these episodes, I could only keep

<p>guardar os doces de uma festa</p> <p>no bolso: olhar o objeto desperta lembrança, resgata o paladar, mas não implica mais a mesma vontade de comer.</p> <p><i>“C’est le petit a dans La poche”</i>– É o pequeno <i>a</i>, no bolso –, sinaliza o analista.</p>	<p>sweets leftover from a party in my pocket: looking at the object brings back memories and whets my appetite, but does not imply the same wish to eat it. <i>C’est le petit a dans la poche</i> – It’s the <i>objet a</i> in the pocket”, says the analyst.</p>
---	--

Tabela 4: A essência harmônica da tradução do *passe*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: TRADUZIR E ESCREVER

Se por um lado a disposição de frações do texto original e da tradução lado a lado permite emular localmente alguns aspectos de tradução e seus desdobramentos outrora mencionados, devo reforçar que é só na leitura integral de ambos os textos, separadamente, que recuperamos as questões que denominei *impasses* de tradução.

Entretanto, um desses *impasses* não é perceptível na leitura dos textos, mas exclusivamente na escrita do texto traduzido. Sim, na escrita do texto traduzido, e não na sua tradução. E o que significa isso?

Tomo emprestadas duas citações contidas em *A prova do estrangeiro* (2002), de Berman:

“O objetivo do verdadeiro tradutor é mais elevado do que tomar as obras estrangeiras compreensíveis aos leitores; esse objetivo o coloca no nível de um autor e, de pequeno comerciante, faz dele um mercador que enriquece realmente o Estado [...]. Esses tradutores poderiam se tornar escritores clássicos.”

“Homero, Esquilo e Sófocles criaram suas obras-primas a partir de uma língua que ainda não possuía nenhuma prosa culta; o tradutor dessas obras-primas deve implantá-las em uma língua que [...], mesmo em hexâmetros, permaneça prosa, de tal modo que elas percam o menos possível. Eles vestiam os pensamentos de palavras e as sensações de imagens; o tradutor, por sua vez, deve ser um gênio criador se quiser satisfazer seu original em sua língua.”

As citações são de Thomas Abt, e são trazidas por Berman no contexto da obra para sinalizar a feição literária adquirida pelas grandes traduções de obras clássicas e românticas alemãs ao atribuir ao tradutor a função de gênio criador, isto é, um indivíduo cuja tarefa é escrever o texto traduzido e nele captar sua “expressão”, seu “tom”, sua “particularidade”, seu “gênio” e sua “natureza” (idem, p.75).

Nessa perspectiva, a escrita do *passe* traduzido foi um exercício criativo e individual, pelo qual não somente se buscaram expressão, tom, particularidade, gênio, natureza, ou, como chamei anteriormente, a letra e a essência harmônica do *passe*. Uma

preocupação intrínseca a essa escrita particular foi a inserção desse texto num universo de uma comunidade, ou melhor, duas, que o aprovassem.

Assim, a escrita do *passe* foi pautada em duas instâncias outras além das propriamente linguísticas. A primeira delas foi justamente a literária, já que, antes de qualquer coisa, assombrava-me a ideia de Toury que as traduções são fatos de um único sistema: o sistema alvo.

Portanto, era minha intenção, seguramente, traduzir e exercer influência sobre vocabulário, sintaxe, cultura e sobre a projeção de estrutura no sistema fonte, para conformar fazer os textos dialogarem entre si, ressoarem no mesmo tom, ecoarem suas vozes, revelarem seu caráter de gênero embutido na escrita autobiográfica.

Quando Freud mesmo denuncia, em 1925 na sua *Selbstdarstellung*, sua *autoapresentação*, que a análise pressupõe uma “arte de interpretação” (p.123), aprendemos nesse texto importantes eventos que marcaram sua trajetória de vida até a clínica no âmbito do trabalho analítico.

Ana Lydia faz algo parecido ao resumir brevemente sua jornada analítica no âmbito do ato analítico, na sua passagem à condição de analista. Pactuamos com ela a escrita de um *eu* que está ali, mas já não está. Uma mudança significativa de identidade acontece, quando a menina se vê mulher e é forçada a lidar com necessidades trazidas pelo contato com várias alteridades: a língua, o analista, a ausência do pai e a morte personificada na figura feminina a fazem sair da prisão do Um e nascer como Outra para si mesma, “reaprendendo” a ler, a falar e a saber. Saber sobre si no Outro e sobre o Outro em si.

Esse trabalho de escrita foi, tanto para Ana Lydia como para mim, um trabalho de escrita literária. O investimento objetal, outrora na figura do Pai, se desloca para a escrita do seu *passe*, pois só por meio da linguagem ela pode desinvestir um amor que não mais há como antes. De forma análoga, desinvesti o “amor” por uma tradução que vertesse e o reinvesti numa escrita que “disse” e “fizesse” o texto, os fatos, os eventos, as sensações e sentimentos experimentados por Ana Lydia no limiar entre o escopo do seu relato e sua vida real.

A segunda instância que me inquietou e em que depois me empenhei foi na aceitação do texto traduzido pelas comunidades de tradutores e psicanalistas, de modo que ele pudesse compor ou representar, de alguma maneira, um mecanismo de transmissão do saber.

É certo que essa preocupação está no coração, o “*kernunserenwessen*” de todas as sociedades psicanalíticas, desde a Escola Freudiana de Paris, a escola fundada por Jacques Lacan a sua Proposição de 9 de outubro de 1967, e principalmente nos axiomas contidos no Seminário 20, *Mais, ainda*, que sinalizam o nó borromeano com os termos do Seminário 18, *Le Sinthome*, inconsciente transferencial, inconsciente real e passe.

A transferência se liquida, e resta o sujeito-a-saber. Como atesta Zbrun (2014, p.66): trata-se “da realidade efetiva de um saber-fazer com a causa [psicanalítica] quando o saber se torna ele mesmo uma realidade efetiva. O sujeito passa a operar com esse saber, realiza sua prática de transmissão e opera com ele.”

Talvez esteja aí a premissa em conceber o *passe* não somente como um texto, mas um gênero textual próprio que, com suas particularidades autobiográficas e literárias, permitena escrita original e na escrita tradutória veicular saberes psicanalíticos e tradutórios.

Bem-sucedida ou não, a versão de *Coup de foudre* se constituiu numa oportunidade fecunda para mostrar que é possível (e necessário), na tradução e pela tradução, na versão e pela versão, transpor os limites demarcados de um texto, já que tradução e psicanálise se regam, na essência, pelo mesmo líquido-fonte: a linguagem humana no seu mais íntimo refúgio, o inconsciente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Isidoro M. **A ensaística e o trabalho científico**. Disponível em <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/viewFile/14792/11230>.
- BASSNETT, Susan & BUSH, Peter. **The Translator as Writer**. London and New York: Continuum, 2006, 221 p.
- BASSNETT, Susan. **Translation Studies**. Routledge. London and New York. 2002, 188p.
- BENJAMIN, Walter. **Linguagem Tradução Literatura**. Assírio e Alvim. Excerto disponível em http://static.publico.pt/files/Ipsilon/2015-10-09/Excerto_benjamin_linguagem.pdf.
- BERMAN, Antoine. **A prova do estrangeiro**. Bauru, SP.EDUSC, 2002, 356p.
- BERMAN, Antoine. **A Tradução e a Letra ou O Albergue do Longínquo**. Florianópolis, SC. Copiart, 2012, 200p.
- BERMAN, Antoine. **Pour une critique des traductions: John Donne**. Gallimard, 1995, 275 p.
- BOTTON, Alexandre M. **Narrativas e Anotações: Observações sobre a escrita ensaística em Walter Benjamin e Paul Valéry**. Thaumazein, Ano VII, v. 9, n. 17, Santa Maria, p. 56-62, 2016.
- BRITTO, Paulo Henriques. **Desconstruir pra quê?** Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/5883/5563>.
- COTTET, Serge. **Freud e o Desejo do Psicanalista**. Zahar. Rio de Janeiro, 1989, 201p.
- DEÂNGELI, Maria Angélica. **Um lance de tradução: sobre a passagem das línguas em Assia Djebar**. Unesp - Rio Preto, 2015. Disponível em <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/25574/25574.PDFXXvmi=>.
- DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido**. Perspectiva. São Paulo, 1975, 179p.

- DERRIDA, Jacques. **A farmácia de Platão**. Iluminuras. São Paulo, 2005, 125p.
- DERRIDA, Jacques. **O Monolinguismo do Outro ou a Prótese de Origem**. Campo das Letras. 2001, 112p.
- FERREIRA, Gil Baptista. **LINGUAGEM, TRADUÇÃO E EXPERIÊNCIA. Reflexões em torno de Walter Benjamin e Paul Celan**. Máthesis. Viseu, 2002, p.95-106.
- FINK, Bruce. **O sujeito lacaniano entre a linguagem e o gozo**. Zahar. Rio de Janeiro, 1995, 248p.
- FIORIN, José Luiz. **A pessoa desdobrada**. Alfa, São Paulo, 39: 23-44, 1995.
- FREUD, Sigmund. **Complete Works**. Ivan Smith, 2010, 5102p.
- FREUD, Sigmund. **O eu, o id, “autobiografia” e outros textos (1923-1925)**. Obras Completas, vol. 16. 3ª reimpressão, Cia das Letras, São Paulo, 2011, 370p.
- FREUD, Sigmund. **Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (“O Caso Schreber”), Artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913)**. Obras Completas, vol. 10. 3ª reimpressão, Cia das Letras, São Paulo, 2011, 275p.
- GAGNEBIN, Jeanne-Marie. **Do Conceito de Darstellung em Walter Benjamin ou Verdade e Beleza** in KRITERION, Belo Horizonte, nº 112, Dez/2005, p. 183-190
- GAMBIER, Yves & van DOORSLAER, Luc. **Handbook of Translation Studies**. John Benjamins B.V. 2010, 468p.
- GENTZLER, Edwin. **Teorias Contemporâneas da Tradução**. Madras. São Paulo, 2009, 296p.
- HOBBSBAWM, Eric J. **A era das revoluções**. Paz e Terra, Copyright LeLivros, 315p.
- KAUFMANN, Pierre. **Dicionário enciclopédico de psicanálise. O legado de Freud e Lacan**. Zahar. Rio de Janeiro, 1993, 608p.
- LACAN, Jacques. **Do discurso psicanalítico**. Conferência de Lacan em Milão em 12 de maio de 1972.
- LACAN, Jacques. **Escritos**. Zahar. Rio de Janeiro, 1998, 943p.

LACAN, Jacques. **O seminário Livro 1, os escritos técnicos de Freud**. Zahar. 3ª ed. Rio de Janeiro, 1986, 339p.

LACAN, Jacques. **O seminário Livro 5, as formações do inconsciente**. Zahar. Rio de Janeiro, 1999, 535p.

LACAN, Jacques. **O seminário Livro 9, a identificação**. Centro de estudos freudianos do Recife. Recife, 2003, 430p.

LACAN, Jacques. **O seminário Livro 11, os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Zahar. 3ª ed. Rio de Janeiro, 1988, 273p.

LACAN, Jacques. **O seminário Livro 12, problemas cruciais para a psicanálise**. Publicação interna da *Association lacanienne internationale*. Recife, 2006, 237p.

LACAN, Jacques. **O seminário Livro 15, o ato psicanalítico**. Notas de Curso.

LACAN, Jacques. **O seminário Livro 19, o saber do psicanalista**. Publicação interna da Associação Freudiana Internacional. Recife, 2000/2001, 69p.

LACAN, Jacques. **O seminário Livro 20, mais, ainda**. Zahar. 2ª ed. Rio de Janeiro, 1985, 202p.

LECLAIRE, Serge. **Escritos Clínicos**. Zahar. Rio de Janeiro, 2001, 224p.

LECLAIRE, Serge. **Psicanalisar**. Perspectiva. 153p.

LEITE, Marcos Vinícius. **A estrutura da linguagem em Walter Benjamin**. Revista Ética e Filosofia Política – Nº 12 – Volume 1 – Abril de 2010.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **L'efficacité symbolique** em *Revue de l'histoire des religions*, tome 135, nº1, 1949. pp. 5-27, disponível em http://www.persee.fr/doc/rhr_0035-1423_1949_num_135_1_5632.

MESCHONNIC, Henri. **Poética do traduzir**. Trad. Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. (Resenha). São Paulo, Perspectiva: 2010. 279 p.

MILLER, Jacques-Alain. **A palavra que fere**. Opção Lacaniana. 2010, 4p.

MILLER, Jacques-Alain. **A sutura (Elementos da lógica do significante)** em *estruturalismo Antologia de Textos Teóricos*. Martins Fontes, 15p.

MILLER, Jacques-Alain. **Seminários em Caracas y Bogotá**. Paidós. Buenos Aires, Barcelona, México, 2015, 633p.

MILNER, Jean Claude. **O amor da língua**. Unicamp. Campinas, 2012, 116p.

MILTON, John. **Tradução: Teoria e Prática**. Martins Fontes, 3ª ed. São Paulo, 2010, 274p.

NANCY, Jean-Luc & LACQUE-LABARTHE, Philippe. **O título da letra**. Escuta. São Paulo, 1991, 144p.

NETTO, Angela Derlise Stübe. **“Traduzir é preciso”: reflexões sobre a tarefa do tradutor**. Revista Horizontes de Linguística Aplicada, v. 7, n. 1, p. 20-34, 2008.

NIDA, Eugene. **Translation: Possible and Impossible**. Disponível em https://www.academia.edu/34914553/Translation--Possible_and_Impossible_by_EA_Nida.

OLEGARIO, Fabiane & MUNHOZ, Angélica Vier. **Escrita ensaística: fragmentos menores**. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/fractal/v26n1/v26n1a12.pdf>.

PAES, José Paulo. **A ponte necessária**. Ática, vol. 22, 1990, 82p.

PIRES, Eloiza Gurgel. **Experiência e linguagem em Walter Benjamin**. Educ. Pesqui., São Paulo, v. 40, n. 3, p. 813-828, jul./set. 2014. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/s1517-97022014041524>.

PITTA, Maurício Fernando. **Humboldt e Heidegger sobre linguagem: expressão do espírito ou morada do ser?** Vol. 7, nº 1, 2014. Disponível em www.marilia.unesp.br/filogenese.

QUINET, Antônio. **As 4+1 condições da análise**. Zahar. 12ª reimpressão, 103p.

QUINET, Antônio. **Os outros em Lacan**. Psicanálise passo a passo, 94. Zahar. Rio de Janeiro, 2012, 55p.

ROUDINESCO, Elizabeth & PLON, Michel. **Dicionário de Psicanálise**. Zahar. Rio de Janeiro, 1998, 888p.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **O tradutor é um escritor da sombra**. Disponível em [Dialnet-UmTradutorEUmEscritorDaSombraVariacoesSobreAOntologia-4925677.pdf](http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4925677)

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **Vilém Flusser: Entre a tradução como criação de si e a pós-tradução.** Disponível em <http://dx.doi.org/10.5007/2175-7968.2014v3nespp223>.

SOLER, Colette. **A Psicanálise na civilização.** Rio de Janeiro, Contracapa, 1998 p.13-20.

SOLER, Collete. **Lacan, o inconsciente reinventado.**FA Editora Eletrônica e Campo Matemático. Rio de Janeiro, 2012, 225p.

STEVENS, Alexandre. **O analista poeta.** Texto original em francês extraído de: Revista Quarto, nº 83, Bélgica, 2005, p. 36-37.

VICENZI, Eduardo. **Psicanálise e linguística estrutural: as relações entre as concepções de linguagem e de significação de Saussure e Lacan.** Ágora. Rio de Janeiro, v. XII n. 1 jan/jun 2009 27-40.

ZBRUN, Mirta. **A formação do analista de Freud a Lacan.** KBR. Petrópolis. 1ª ed. 2014, 99p.

ANEXOS

ANEXO A

Coup de foudre

Ana Lydia Santiago

Para mim, o português é a língua materna e o francês, a língua do Outro. E por que não considerá-lo como esse Outro estrangeiro que é o inconsciente? Durante os 20 anos em que transcorreu minha experiência analítica, antes do passe – oito anos, com o primeiro analista; dois anos de interrupção; e outros 10 anos com o segundo analista –, produziram-se lapsos, trocadilhos e expressões por meio de sonhos, que exploravam riquezas semânticas e equívocos que o trânsito do materno ao estrangeiro da língua tornou possível. Pergunto-me, inclusive, se, no meu caso, levar adiante a experiência da análise na língua do Outro não foi o que levou o sujeito do inconsciente a se mostrar mais suscetível ao encontro com os equívocos da língua.

Aprender a falar

É no contexto dessa passagem de uma língua a outra que o sintoma analítico se inscreve, traduzido por um “*não saber falar*”. A dificuldade com a fala, que caracteriza o ponto de partida da análise, destaca, de preferência, a vertente da inibição presente no sintoma. Evidentemente, esse sintoma emerge banhado por meu contato, pouco familiar, com estilos e modos de vida dos franceses. Ao chegar em Paris, onde iria morar por um período de quatro anos, experimento, num primeiro momento, o apagamento radical do domínio fluente da língua inglesa, seguido da forte impressão de não saber falar francês. Esse embaraço não se desvincula dos usos e dos costumes de uma cultura com o nome próprio. Em contraste com o que é corrente em nosso país, não há como negligenciar o privilégio conferido, pelos franceses, ao patronímico.

Assim, vivendo maritalmente, em regime de concubinação, era identificada como “*madame*”, porém designada pelo sobrenome paterno. E, independentemente das ocasiões em que me foi assinalado que eu me comunicava bem no idioma francês, a dificuldade para falar, que apontava para o incompreensível do amor do pai, instalou-se no meu corpo e manteve-se presente, na experiência analítica, sessão após sessão, durante toda a trajetória da análise.

A primeira demanda de análise é endereçada a um analista do Campo Freudiano – uma mulher –, que, em intervenções e cursos dados na Escola da Causa Freudiana, atrai minha atenção pelo uso frequente de uma joia brilhante. Esse objeto precioso associa-se, no meu íntimo, ao que se transmite de mãe para filha. Do mesmo modo, o que está em jogo, na última análise, é algo da ordem do saber e do bem dizer. Contudo o entrelaçamento entre a joia e a palavra estabeleceu-se bem precocemente, a partir da imagem ilustrativa de uma fábula – *As três cabeças de ouro* –, que eu escutava, quando criança, pela boca de minha avó paterna, antes de eu ter adquirido a prática da leitura.

Pode-se inferir que, nessa fábula, o grande Outro está encarnado na voz de três cabeças de ouro, que surgem no caminho de duas meninas e, muito exigentes, decidem o destino delas. Elas surgem de dentro do buraco de uma cisterna, na borda da qual cada uma das meninas, em tempos diferentes se assentam para descansar e fazer uma refeição, após uma longa jornada de caminhada na busca da própria sorte. As cabeças pedem para ser alimentadas, penteadas e ninadas com música. A primeira menina, considerada uma boa filha, bastante afetuosa com o pai, atende prontamente às solicitações de cada uma das três cabeças e é, por via de consequência, beneficiada com o dom da bondade e com um hálito suave, o que lhe possibilita, ao falar, lançar pedras preciosas pela boca. A segunda menina, filha caprichosa, mais ligada à mãe, recusa-se a prestar favores às três cabeças, que, então, lhe reservam uma vida difícil – literalmente, um caminho de espinhos, que lhe ferem a pele e tornam sua aparência pouco atraente – e, ainda, um hálito horrível, que a leva, ao falar, a lançar cobras e lagartos pela boca.

Como a primeira menina, desde muito cedo, eu estava marcada pelo amor ao pai, em função do desejo deste de ter uma filha a quem daria o mesmo nome de sua esposa. O uso do nome da mãe, na filha é incomum e não se encaixa na perspectiva de afirmação de uma transmissão, como é o caso quando se batiza o filho homem primogênito, com o nome do pai ou do avô. Esse ato de nomeação não se fez sem implicar consequências sobre o lugar que passei a ocupar junto à minha mãe, bem como junto à minha avó paterna, que morava com a família e era responsável pela educação

das crianças. Por ter como miragem o destino da primeira menina da fábula, tornei-me uma observadora atenta dos indícios do que melhor convinha ao outro, para me encaixar e ser reconhecida como uma filha modelo e de comportamento exemplar. O destino da segunda menina, contudo, permaneceu dúvida e em aberto, causando preocupação e medo.

Um equívoca língua, que insiste em se apossar do nome do primeiro analista, acaba por destacar o significante “cólera”, designador, ou nome, do gozo sem sentido das mulheres de minha família – notadamente minha mãe e avó paterna. Manifestada na relação com a fala, a cólera, que, em minha mãe, é apreendida no falar denegridor e depreciativo a respeito do pai e, em minha avó, é expressa em dizeres hostis formulados contra minha mãe, sua única nora, pois é a esposa de seu filho único. Com efeito, minha mãe é a própria encarnação desse Outro mal, componente inerente à subjetividade de minha avó. Desde muito cedo, por conseguinte, não me passou despercebido o deslocamento do ódio que minha avó alimentava contra a nora, minha mãe, e era projetado sobre a neta de mesmo nome. A posição que se configura para o sujeito, nessas circunstâncias, é de ser uma tela em que o outro projeta um elemento de insuportável dele próprio, estranhamento perturbador que interfere na maneira como é visto.

O primeiro modo do saber sujeito, que é o do objeto *a*, começar a mostrar-se como imputado ao Outro. No laço transferencial, há o objeto agalmático – a joia com tudo que ela representa – e o equívoco sobre o nome, ambos situados do lado do Outro. O que pode ser dito a propósito do mal-estar advindo da palavra e circunscrito na cólera diz respeito tanto aos impropérios e atos, julgados injustos, da mãe e da avó, quanto à exaltação de ambas ao filho e neto primogênito, do sexo masculino. Ao mesmo tempo, percebe-se a manifestação de algo da ordem do impossível de dizer: a cólera frequenta a cena dos sonhos do sujeito. Em seguida, à medida que a análise prossegue, a cólera corporifica-se e, à revelia do sujeito, encena-se em episódios breves de crises de cólera – especialmente diante da desorganização dos objetos em casa –, e de crises de ciúmes, episódicas, relativas a seu parceiro. A cólera e o ciúme, que emergem no processo de análise, são considerados como efeito de desinibição em relação ao sintoma inicial. São afetos contraditórios para a menina que quer ser uma menina modelo e almeja o bem dizer. Por isso mesmo podem ser situados, preferencialmente, na vertente do sintoma.

Conclui-se, então, que as soluções do amor e da doação, bem como as identificações que destacavam habilidades das mulheres da família e, por isso, traziam

certo reconhecimento ao sujeito, são impotentes para apaziguar o humor explosivo e desmedido das mulheres, em geral. Tendo como suporte o amor de transferência, o sujeito acredita em uma reconciliação com o Outro pela instalação do novo par mãe/filha, constituído com o analista. Essa via, no entanto, em vez de mobilizar o sintoma – ou seja, “*ensinar a falar*” –, acentua a exclusão característica da fantasia, cujos elementos já começavam a se esboçar. O termo dessa análise é determinado pela ruptura do analista com a comunidade analítica em que eu desejava me inserir. Nesse momento, o sentimento que predomina – e, também, inquieta – é uma certa tendência ao isolamento – reaparece, portanto, uma das manifestações da inibição, como medida para evitar o turbilhão de gozo próprio ao universo do feminino.

Aprender a ler

Retomar a análise só foi possível a partir de um comentário fortuito, do segundo analista, que fez reaparecer o saber, relativo ao objeto olhar, imputado ao Outro. Esse objeto, já assinalado como objeto da falta na relação com o Outro materno, ao se mostrar do lado do analista, vai reinaugurar o inconsciente transferencial.

O que se destaca, desde então, é o olhar fascinado do pai pela filha, olhar que se faz acompanhar, geralmente, de um sorriso silencioso. O “ser amada”, do lado do pai, desenha-se em função desse traço, que me convoca a ser a parceira dele, em diversas ocasiões, sobretudo quando ele se encontra só e se sente descontente, ou quando está ocupado pela satisfação oral. O sorriso é acolhedor, porém obscuro, e faz enigma, o que me leva a decifrar o sentido do valor particular da menina para ele. Esse valor assume proporções da equivalência *girl* = falo, tendo-se em vista as circunstâncias particulares da morte do próprio pai. Após o falecimento precoce de sua filha, meu avô paterno decide dar um fim à sua vida. A passagem ao ato suicida, justificada pelo amor do pai à filha, uma paixão mortal do avô por sua filha de dois anos, que acontece antes de ele saber da concepção de uma segunda criança – esta criança, meu pai, nasce, portanto, órfão de pai. O suicídio é o choque que ecoa no romance familiar do sujeito. O destino deste luto impossível de suportar do avô faz com que a filha deste pai, concebido entre a morte da irmã e a morte do próprio pai, seja herdeira do drama. A filha torna-se para o pai um objeto fascinante, um objeto fálico. E a identificação *girl=falo* serve de identificação e de defesa, de uma lado, contra uma certa mortificação e, de outro, contra a ausência do olhar da parte do Outro materno.

Traçada a trama da história do sujeito, as primeiras fraturas da fantasia não se constituíram tarefa fácil: implicaram uma separação com relação ao olhar fascinado do pai, que recobria a ausência do olhar do lado da mãe, e uma perda do lugar de exceção, que fornecia segurança para enfrentar o campo obscuro do que me era oferecido de um lado por minha mãe e, de outro, por minha avó paterna. Esse lugar de exceção, por outro lado, era o que desencadeava a hostilidade de outras mulheres, em geral. E constituía, assim, o ponto onde *“o que eu sou se afoga”* – ou, ainda valendo-me da poesia de Caetano Veloso, em uma de suas músicas – *“meu Zen, meu bem e meu mal”*.

Experimento, na transferência, o medo de existir. No processo da análise, após delimitar o nível da inibição e o do sintoma emerge, com efeito, o terceiro elo, o da angústia. Cada sessão marcada prenuncia um encontro com o objeto fóbico – o medo é meu companheiro no trajeto para a sessão, na entrada no consultório, no divã. Tenho medo de falar, medo de não saber o que dizer. Medo de tudo, como se eu tivesse cometido uma falta muito grave, de que não tinha mais lembrança. Trata-se, mais precisamente, de um fundo fóbico sobretodas as minhas ações, que, contudo, não me paralisa. E prossigo.

Uma angústia apreendida no plano da imagem e outra, no plano da voz, ambas concernentes ao Outro materno, modificam o corpo do sujeito, causando horror. A experiência do sujeito concernindo o inconsciente e sua repetição estimula a atividade onírica, sobretudo no tocante a sonhos de angústia, que se colocam a serviço da localização e da conseqüente recolocação de seu modo de gozo. É o momento da experiência em que o analisante pode fazer a leitura de seus sonhos. A via do sonho, no meu caso, desempenha um papel importante no processo de extração da libido do objeto, que se faz sob transferência.

Esse trabalho sobre sonhos acentua o medo – que se materializa como medo de ser engolida por um buraco negro, medo de restar só no mundo, medo de não sobreviver. O afeto que sobressai do inconsciente é o desânimo: uma vontade de nada fazer, de nada dizer. Trata-se de um período difícil da análise, que contrabalança com mudanças subjetivas e realizações positivas e importantes. A cólera situa-se como uma resposta à impotência do pai, uma resposta do sujeito ao pai, é um grito, frente à renúncia, deste, a ser uma voz capaz de conter os excessos das duas mulheres – mãe e avó – sobre a menina.

Um sonho: encontro-me à beira do buraco negro de um elevador; olho para o buraco e, contudo, não tenho medo. O analista observa: *“il ne faut pas rester au bord”*,

ou seja, não fique à beira, tão próximo da beirada. Escuto essa observação como um convite a me introduzir, com o cuidado de me manter a uma boa distância em relação a esse buraco – ou seja, em relação à opacidade que o semblante fálico contém, ocultando o vazio. O brilho do objeto é o que escamoteia o vazio, o negro, o buraco negro.

Dois acontecimentos de corpo assinalam a perda do brilho do objeto. No primeiro, ao atravessar a *Pont Royal*, mirando a *Concorde*, no horizonte, não vejo mais Paris como antes. De repente, este lugar considerado como uma das mais belas paisagens urbanas do mundo perde todo o seu deslumbramento e, aos meus olhos, sua beleza deixa de ter o esplendor exuberante de antes. O desinvestimento escópico é correlato à inscrição do vazio no objeto olhar. No segundo, já do outro lado da ponte, olho para a vitrine de uma padaria e, nela, a pequena *tarte aux fraises* não mais me convida ao deleite, pois perdeu seu caráter irresistível. Isso parece incompreensível para alguém que, por anos a fio, ao deixar a sessão de análise, se rendia a uma tortinha de morangos, a fim de recuperar o afeto perdido. Depois desses dois acontecimentos, só posso guardar os doces de uma festa no bolso: olhar o objeto desperta lembrança, resgata o paladar, mas não implica mais a mesma vontade de comer. “*C’est le petit a dans la poche*” – É o pequeno *a*, no bolso –, sinaliza o analista. O objeto, antes aprisionado em sua face imaginária, perde o brilho; opera-se, então, a redução do real do gozo do objeto escópico. Considera-se que *o imaginário é o corpo*¹², e o corpo é impensável sem o gozo, afirma Lacan. Freud, em *Mal-estar na civilização*, observa que a beleza é a do corpo humano. O que se vê na paisagem é a própria beleza, na paisagem. A interpretação do analista sinaliza a retirada do objeto de seu esconderijo e a instauração, para o sujeito, da separação entre o valor de gozo do objeto e seu valor de semblante.

A inexistência do desejo de saber

Uma frase destaca-se do texto de uma conferência proferida pelo analista e afeta o corpo do sujeito: ele diz, “*la voix va au-delà de l’objet*”. Desencadeia-se uma crise de choro, um choro interno, como um grito engolido. No mesmo dia, o corpo é invadido por uma dor que se manifesta em todas as articulações e deforma até o jeito de andar. Na sequência, um sonho me permite lembrar de um clube onde passei muitos dias de minha infância, sobretudo durante as férias, quando meus irmãos e eu éramos deixados

¹²Lacan, J. (1975-1976). O seminário, livro 23: *o sinthoma*. Rio de Janeiro: JZE, 2007, p. 64.

lá, pela manhã, e buscados no final da tarde, depois da jornada de trabalho de minha mãe. Esse clube situava-se em frente a um quarteirão de casas construídas por meu bisavô e onde ele morava, assim como a maior parte de seus filhos. Um quarteirão de casas que se comunicavam pelos fundos, já que todas desembocavam em uma grande área central.

Nessa área, havia uma horta e árvores frutíferas de todo tipo. Meus primos, irmãos e eu brincávamos nesse espaço durante o intervalo de três horas em que o clube fechava para o almoço. Eu passava perto do centro dessa área, sempre um pouco assombrada, porque sabia que fora naquele local meu avô paterno tinha interrompido sua vida com um tiro de fuzil. É da morte no centro do “Jardim de Éden” que advém o desejo do analista. Na procura de um saber, o sujeito se coloca, desde muito cedo, na função de um pesquisador incansável do que se encontra, mais além do pai e da mãe, no limite do dizer, no desejo que enlaça o trauma da morte com o amor.

Do outro lado da rua, a piscina representa o buraco negro, em função de uma advertência constante da avó paterna, que sinalizava o perigo de morte por afogamento, repetindo uma frase que soava enigmática: *“A água exige os que sabem nadar, porque os que não sabem já são dela”*. O espaço enorme do clube é decifrado e as zonas de perigo delimitadas. Realiza-se, assim, um trabalho de organização em prol da vida. Integro-me na equipe de natação. Aluna aplicada, alcanço uma certa harmonia na reprodução dos movimentos, que não passa despercebido ao treinador. Então, este solicita-me, frequentemente, reproduzir algum tipo de nado para a observação dos demais alunos, o que me leva a me imaginar sendo vista – o corpo toma a forma do falo.

Os sonhos vão colocar em cena um corpo esvaziado e coberto por véus – o semblante do falo – e o sujeito bem posicionado em relação ao olhar, de forma a poder ver. Um desses sonhos causa surpresa: crianças são atingidas por tiros de fuzil – *“coup de fusil”* –, vindos de toda parte; os corpos gingham para se defender e acabam caindo no chão, um após outro. Pergunto-me: *“Que é isso? Corpos de crianças caídos, atingidos por tiros de fuzil?”* E a resposta que se formula é: *“Coup de foudre!”* Essa resposta também causa surpresa pelo inesperado da substituição – *“coup de fusil”* por *“coup de foudre”*. Trata-se de algo inteiramente novo, sobre que não há saber. É preciso lidar com isso.

Se não há desejo de saber, isso se explica porque, na experiência analítica, não se pretende achar alguma coisa. Minha trajetória de análise revela o lado idílico do desejo de saber – ou seja, uma obstinação que gera, de modo especial, inibição quanto

ao saber. Assim, não se trata de descobrir um *saber*, mas de curar-se dele. E, para tanto, é preciso inventá-lo sob a égide do *fazer*. No meu caso, a obstinação em extrair um saber do real promoveu o encontro contingencial com o *coup de foudre* – acontecimento de amor súbito, arrebatamento, trovão, semblante da fúria dos deuses ou tudo isso no modo de gozo do meu olhar, único capaz de circunscrever a causa e o horror de saber.

ANEXO B

Coup de foudre

Ana Lydia Santiago

The following text is the first testimony by Ana Lydia Santiago following her nomination as Analyst of the School by the ECF Commission of the Pass in June 2011. This testimony was presented on October 2011 at the Forty-First Study Days of the École de la Cause freudienne, Paris.

For me, Portuguese is my mother tongue and French is the language of the Other. And why not consider the latter as the foreign Other, which is the unconscious? During the twenty years of analytic experience prior to the Pass – eight years with the first analyst, a two-year break, and ten further years with the second analyst – slips of the tongue, witticisms and dream expressions were produced, exploiting the semantic richness and equivocations that the traffic between maternal and foreign made possible. I also wonder whether, in my case, carrying on with the analytic experience in the language of the Other was not what made the subject of the unconscious more susceptible to encountering the equivocations of language.

Learning to speak

It is in the context of this transit between one language and the other that the analytic symptom is inscribed, translated by a “not knowing how to speak”. The difficulty to verbalize, which characterizes the departure point of analysis, readily emphasizes the inhibition present in the symptom. Indeed, the symptom emerges embedded in my unfamiliar contact with the styles and ways of life of the French. When I got to Paris – where I would stay for four years – I experienced the radical erasure of my fluency in English and I had to deal with the obscure impression of not being able to speak French. Finding myself in this bind was not unrelated to the cultural uses of the proper name. In contrast to what is current practice in Brazil, it is impossible to neglect the privilege the French give to the patronymic.

So, cohabiting with my partner, I was referred to as *Madame*, but called by my father's surname. Yet, despite the occasions on which I was praised for my good French, the difficulty to speak, which pointed to the incomprehensible dimension of love for the Father, settled in my body and endured session after session throughout the analysis.

My first request for analysis was addressed to an analyst of the Freudian Field: a woman who, in her papers and lectures at the *École de la Cause freudienne*, attracted my attention for a glittering jewel she wore. Deep down, this precious object is associated with what is transmitted from mother to daughter. In the same way, what is at stake in the last analysis is also a form of knowledge and *bene dicere*. The bond between jewelry and words was established early on through the image of a fairy tale called *Astrêscabeças de ouro*, "The Three Golden Heads", which my paternal grandmother would tell me in my childhood before I learned to read.

In this fable, we can infer that the Other is represented by the voice of three heads made of gold, which appear to two girls. These very demanding heads seal the girls' destiny. They pop up out of a cistern hole on the edge of which the girls take turns to sit, rest and have a meal after a long journey in search of fortune. Hungry and pleading for a lullaby, the heads are readily gratified by the first girl, who is considered a good daughter and is very affectionate to her father. She grants each of the heads their wish and is rewarded with the gift of kindness, and with a sweet breath that allows her to spit jewels as she speaks. The second girl, capricious and closer to her mother, refuses to serve the three heads and they react by condemning her to a tough life: literally, a path of thorns that mar her skin making her less attractive, cursing her with a bad breath that makes her spit snakes and lizards.

Like the first girl, from an early date, I was marked by love for the father as a consequence of his desire to have a daughter to whom he could give the same first name as his wife. The use of the mother's first name for his daughter is uncommon and does not fit in the perspective of an affirmation of transmission – which is the case when the firstborn male is baptized with the first name of the father or grandfather. This act of nomination had implications in the place I started to occupy in relation to my mother as well as my paternal grandmother, who lived with us and shared responsibility for the upbringing of the children. Since the fate of the first girl in the tale was my mirage, I became a heedful observer of any indications as to what might be best for the other party, so as to tally with them and be recognized as a model daughter with flawless

behavior. However, the fate of the second girl in the tale remained dubious and uncertain, causing worry and fear.

A language equivocation, which became insistent in pointing to the name of the first analyst, ended up detaching the signifier “anger”, which designates or names the meaningless jouissance of the women in my family, namely my mother’s and paternal grandmother’s. This anger is manifested in the relation to speaking: my mother used aggressive and depreciative words towards my father whilst my grandmother expressed her hostility towards my mother, her only daughter-in-law, the wife of her only son. Indeed, my mother is the reincarnation of a malicious Other, an inherent component to the subjectivity of my grandmother. Thus, from an early age I noticed the shift in the hate my grandmother harbored against my mother, which was projected onto her granddaughter who bore the same name. The position configured to the subject under these circumstances is one of being a canvas onto which the other projects an unbearable element of himself, cause an uncanniness that interferes in the way the subject is seen.

The first mode of subjective knowledge – that of the object *a* – emerges by being imputed to the Other. In the transferential bond there is the agalmatic object – the piece of jewelry and everything it represents – and the equivocation of the name, both situated on the side of the Other. What can be said about the distress that originated in the words and which is circumscribed in the anger concerns both the affronts and acts of the mother and grandmother – which were judged to be unjust – in their exaltation of the male firstborn. At the same time there is the manifestation of something that is impossible to say: the subject’s dreams are frequently marked by anger. As the analysis continues, this anger is manifested in the body, in spite of the subject, and shows through in episodes of anger fits – especially towards the disorder of objects at home – and fits of jealousy, related to my partner. Anger and jealousy, which emerged in the process of analysis, are considered as an effect of disinhibition, in relation to the model daughter and aspires to *bene dicere*. This is why they readily fall on the same side of the symptom.

We can conclude that the solutions of love and devotion, as well as the identifications that underlined the abilities of the women in the family – and therefore brought about a certain recognition for the subject – are powerless to ease the explosive mood of women in general. Finding support in transferential love, the subject believes in reconciling with the Other by establishing a new mother/daughter pair, now

constituted with the analyst. Instead of mobilizing the symptom – i.e. “teaching how to say it well” – this accentuates the exclusion that is typical of the fantasy, whose elements started to be outlined. The end of this analysis is determined by the break between the analyst and the analytic community of which I wanted to become part. At this moment, the feeling that predominates – and also causes distress – is a tendency for isolation. Another manifestation of inhibition resurfaces in order to avoid the maelstrom of jouissance of the feminine universe.

Learning to read

Going back to analysis was only possible after a fortuitous comment made by the second analyst, which brought back to light the knowledge related to the gaze object that was imputed to the Other. This object, previously identified as lacking in the bond with the maternal Other, is shown to lie on the same side as the analyst and reopens the transferential unconscious.

The father’s fascinated gaze upon his daughter – generally accompanied by a silent smile – is highlighted from that moment on. “Being loved”, on the side of the father, is sketched out by this trace, and it invites me to be his partner on many occasions, especially when he is alone and disconsolate, or when he is occupied with oral satisfaction. This smile is welcoming, yet obscure and enigmatic – which leads me to decipher the particular value a girl has for him. This value takes the proportions of the equivalence *girl=phallus*, in view of the particular circumstances of his father’s death. After the early loss of his daughter, my paternal grandfather decided to put an end to his days. His suicidal act, justified by his mortal love for his two-year-old daughter, occurs before he can be aware of the coming of a second child – my father –, who was thus to be a fatherless newborn. This suicide is the shock that echoes down through the subject’s family romance. The fate of this unbearable mourning for my grandfather turns the daughter of my father – of who he was conceived between his sister’s demise and his own father’s death – into the heiress of the drama. To her father she becomes a fascinating object, a phallic object. The identification *girl=phallus* is likewise a defense: on the one hand against a mortification, on the other hand, against the absence of the maternal Other’s gaze.

Once this plot had been outlined, the first fractures in the fantasy were an easy task: they implied separating from the father's mesmerized gaze, which had been compensating for the absence of my mother's, and losing the place of exception which then provided safe ground from which to deal with the obscure field of what was imparted by my mother and my paternal grandmother. Being an exception triggered off the women's hostility and constituted the point at which *o que eusou se afoga*, at which "what I am drowns" – or, to quote the Brazilian composer Caetano Veloso, *meu Zen, meu bem, meu mal*, "my Zen, my goodness, my evil."

In the transference, I experience the fear of existing. In the analytic process, after singling out the level of inhibition and the level of the symptom, the third bond emerges: that of anxiety. Each scheduled session foreshadows a meeting with the phobic object – fear is my companion on my way to the analyst, in the entrance to his consulting room, on the couch. I fear talking, and I fear not knowing what to say. I fear everything, as if I had done something very wrong, which I was unable to remember. This is precisely a phobic background to all of my actions, which nevertheless does not paralyze me. And I move on.

Two planes of anxiety, one in the image and the other in the voice of the maternal Other, modify the subject's body causing horror. The subject's experience of the unconscious and repetition stimulates the oneiric activity, especially with anxiety dreams which are put in the service of the localization and subsequent relocation of the subject's jouissance. This is the very moment at which the analysand is able to read her dreams. The path of the dream, in my case, plays a significant role in the process of extracting libido from the object, which is done under transference.

The dream work accentuates fear – which is now materialized as the fear of being swallowed by a black hole, the fear of being alone in the world, the fear of not surviving. The affect that comes from the unconscious is despondency: I feel like doing nothing, saying nothing. It is a hard time in analysis, which is counterbalanced by important and positive subjective changes. The anger stands as a response to the father's impotence, a reply to the father and a yell faced with the fact that he had given up being a voice capable of containing the women's excesses (those of the mother and grandmother) with regard to the little girl.

In a dream: *I find myself on the edge of an elevator shaft. I look down but I am not afraid. The analyst says, "Il ne faut pas rester au bord", warning me not to stand so close to the edge. I take the advice as an invitation to come in, but keeping a safe*

distance from this hole – i.e. from the opacity of the phallic semblant, which hides the emptiness. The sparkle of the object outshines the black; the black hole.

Two body-events mark the fading of the shining object. First, while walking over the *Pont Royal* from where I could see the *Concorde* on the horizon, Paris somehow looks different to me. Suddenly, this place which is considered to be one of the most beautiful urban landscapes in the world seems to have lost its dazzle and, to my eyes, its beauty is no longer splendid or exuberant. This scopic disinvestment is correlated to the inscription of emptiness in the object gaze. Later, on the other side of the bridge, looking through the window of a bakery, I realize that the little *tarte au fraises* is no longer inviting or irresistible. This fact seems incomprehensible for someone who always used to give in to the temptation of having a strawberry tart to recover the loss of affects after leaving each analytic session. After these episodes, I could only keep sweets leftover from a party in my pocket: looking at the object brings back memories and whets my appetite, but does not imply the same wish to eat it. *C'est le petit a dans la poche* – It's the *objet a* in the pocket", says the analyst. The object, which had been imprisoned under its imaginary face, loses its shine. What follows is this reduction of the real of the jouissance of the scopic object. It is considered that *the imaginary is the body* and, according to Lacan, it is impossible to think about the body without jouissance^{1. 13} Freud asserts, in *Civilization and its Discontents*, that beauty is in the human body. Therefore, what is seen in a view is one's own beauty in that view. The interpretation of the analyst signals the withdrawal of the object from its hiding place and the establishing, for the subject, of the separations between and object's jouissance and its semblance value.

The inexistence of the Desire to Know

In a lecture given by the analyst, one sentence stands out and affects the subject's body: "*la voix va au-delà de l'objet*", the voice is beyond the object". A burst of sorrow is unleashed, an inner sorrow, like a howl deep inside me. On the same day, a crippling pain afflicts all my joints, distorting my body's movement as I walk. Subsequently, in a dream, I remember a club where I spent several days in my childhood, especially during the holiday breaks: my siblings and I were left there in the

¹³Lacan, J., *Le séminaire, livre XXIII, Le sinthome*, Seuil, Paris, 2005, p. 66.

morning until our mother left work in the evening and picked us up. This club was across from a block of houses built by my great-grandfather where he and most of his children lived. Behind the houses was a large expanse.

In this area there was a garden where many species of fruit trees grew. My cousins, siblings and I used to play in that area during the club's lunch break. I remember walking in the middle of this area and being scared, because I knew this was where my paternal grandfather had killed himself with a rifle shot. The analyst's desire appears from out of the death in the midst of this "Garden of Eden". Seeking out knowledge, the subject had from an early age been a restless researcher of what lies beyond father and mother, and the limits of what can be said, in a desire that ties the trauma of death to love.

Across the street, the black hole is represented by the swimming pool: my paternal grandmother constantly warned me, with an enigmatic sentence, about the dangers of death by drowning: "The water demands those who know how to swim, because those who cannot swim belong to the water already". The large area in the club is deciphered and the danger zones are delimited. A pro-life effort is realized as I join the swimming team. Being a dedicated swimmer, I learn efficient and harmonious movements which are noticed by the coach, who frequently asks me to show specific techniques for the other learners to watch. This leads me to imagining myself being seen – the body matches the shape of the phallus.

My dreams then showed me an empty body covered in veils – the semblant of the phallus – and the subject in a good angle relative to the eye, so as to be seen. One of these dreams astonishes me: children are hit by rifle shots – *coups de fusil* – coming from everywhere; their bodies swing and dodge the gunfire, but end up falling one by one. I ask myself: "What does this mean? Bodies of children falling, hit by rifle shots?" And then the answer comes: *Coup de foudre!* This answer is surprising due to the unexpected substitution of *coup de fusil* for *coup de foudre*. This is something entirely new; there is no knowledge about this. You have to deal with it.

If there is no desire to know, this is explained by the fact that there is no intention of finding something in the analytic experience. My trajectory in analysis reveals the idyllic face of the desire to know – i.e. an obstinacy that creates, in a special way, inhibition in relation to knowledge. Thus, it is not about finding *knowledge*, but being healed thereof. In order to do so, it is necessary to invent it under the aegis of *doing*. In my case, the determination in extracting a knowledge from the real prompted

the contingent encounter with the *coup de foudre* – love at first sight, a rapture, a thunderbolt, a semblant of the fury of the gods, or all of that in the jouissance of my eyes, in the way I gaze, the only gaze capable of circumscribing the cause and the horror of knowing.

Translated from Brazilian Portuguese by Súlivan Magalhães.